

# *SOBRE O “INATO” EM KANT<sup>1</sup>*

*Ubirajara Rancan de Azevedo Marques*

UNESP

*Auf das angebohren sich berufen ist die sacra ancora  
der Unwissenheit und der Faulen der Philosophen.*

*KANT, Philosophische Enzyclopädie, AA 29: 16*

## **1. CONSIDERAÇÕES FILOLÓGICAS**

Ao longo desse texto, preferir-se-á a substantivação do adjetivo “inato” ao próprio substantivo “inatismo”, seja por o filósofo, assim parece, empregar uma

---

**(1)** Este artigo resulta de investigação elaborada entre 2006 e 2007. Financiada com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, realizou-se sob as formas de “estágio pós-doutoral” (cumprido junto ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e “auxílio à pesquisa” (usufruído junto ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista). Parte dos seus resultados já tendo sido

**ANALYTICA**, Rio de Janeiro, vol 12 nº 2, 2008, p. 101-161

única vez a expressão “*Angeborenssein*”<sup>2</sup>, seja, bem mais, por essa mesma orientação não ser bastante uniforme para justificar-se como doutrina. Parodiando Gilles-

ou devendo em breve ser publicada – cf. MARQUES, U. R. A. “‘Inato’, ‘a priori’, ‘aquisição originária’: alhos e bugalhos”. In: *Crítica* (UEL), 12 (2007): 463-477; id., “Kant e a epigênese: a propósito do inato”. In: *Scientiae Studia* (USP), 5 (2008): 453-468; id., “Kant et sa critique de l’inné dans les années 1770”, a ser publicado pela editora Jean Vrin na coleção *Les années Kant*, em livro que reunirá as exposições apresentadas no *VIIIe Congrès de la Société d’Études Kantiennes de Langue Française*; id., “A propósito do gênio como ‘inata disposição-de-ânimo (*ingenium*)’”, a ser publicado pela editora Baccarola em livro organizado por Marco Aurélio Werle; id., “Considerazioni su un tema incomodo: ‘a priori’, ‘innato’ e ‘originariamente adquirido’”, a ser publicado na *Kant e-Prints* (<http://www.cl.unicamp.br/kant-e-prints/>), em conjunto com os demais textos apresentados no “*Incontro trilaterale di studio Italia – Brasile – Portogallo: Kant e la tradizione filosofica / Kant oggi*” –, o estudo em pauta, com tais artigos compondo, volta-se, porém, a aspectos que neles não puderam ser tratados. Por outro lado, esse trabalho não pretende ser nem por acaso é um catálogo das ocorrências de “inato” no *corpus* kantiano, nele não se encontrando, por conseguinte, o registro de *cada uma* das muitas ocasiões nas quais o termo (em suas variadas formas e diverso significado) comparece na obra do filósofo. Apontar os significados conflitantes da expressão na filosofia teórica de Kant, a fim de melhor exibir a complexidade do problema da origem das representações elementares, e, com isso, eventualmente dificultar ilações superficiais a seu respeito, eis o objetivo aqui em vista – o qual, assim, *naturalmente* implicou destacar um bom número de casos nos quais se fazia presente o “inato”. – As citações dos textos de Kant são sempre feitas a partir da “Edição da Academia” – *Gesammelte Schriften* (GS). Berlin: Walter de Gruyter, 1900- (AA) –, as referências a eles procedendo do seguinte modo: nome por extenso e/ou sigla do texto, AA número de volume: número de página. Exclusivamente para a *Crítica da Razão Pura*, as citações seguem a indicação alfanumérica tradicional: “A” para a primeira edição, “B” para a segunda, sucedendo em cada caso o correspondente número de página (o texto citado sendo idêntico em ambas as edições, será referida somente a indicação de página da edição de 1787). Nenhuma ressalva havendo quanto à sua autoria, as traduções do alemão são minhas. As demais citações em língua estrangeira foram mantidas no original. – A despeito de não terem nenhuma responsabilidade pelas versões aqui propostas dos textos de Kant, agradeço aos caros colegas Juan Adolfo Bonaccini, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Leonel Ribeiro dos Santos, do Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, e Marco Aurélio Werle, do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, pela gentileza das suas observações, sempre competentes e esclarecedoras.

(2) Cf. KANT, I. *Über eine Entdeckung, nach der alle neue Kritik der reinen Vernunft durch eine ältere ent-*

Gaston Granger, pode-se até dizer que *o perigo da denominação “inatismo” está em que ela dá a entender que o problema já se acha resolvido no sentido da univocidade*<sup>3</sup>. Por conseguinte, a propósito de uma “doutrina” das idéias inatas ou do chamado “inatismo”, serão prudentes as palavras de Hartmut Brands em suas *Investigações Sobre a Doutrina das Idéias Inatas*:

Para uma reconstrução histórica da doutrina das idéias inatas, esperamos ter mostrado o mínimo exigido. [Mas] ainda falta uma reconstrução sistemática; a sua forma apenas começa a ser conhecida (...) Os problemas para cuja solução a doutrina das idéias inatas queria ser uma contribuição – se se pode em geral falar da doutrina –, parecem-nos ser tão múltiplos, que um ajuizamento conclusivo da história da filosofia a esse respeito parece-nos exigir sempre ainda um adiamento.<sup>4</sup>

Por outro lado, “inato”, “inato” *versus* “adquirido” são hoje ainda expressões intensamente empregues, sobretudo na biologia, em especial na imunologia. É então que se diz, por exemplo, de “imunidade inata e adquirida” ou de “imunologia inata” e “imunologia adquirida”. Evidentemente, esse uso científico e contemporâneo não concerne mais à questão da origem das representações, tampouco à de uma garantia divina da verdade do conhecimento – embora a disputa entre “criacionistas” e “evolucionistas” pareça nalguma medida revivê-las...

---

*behrlich gemacht werden soll* (ÜE), AA 08: 249. Nos *Lose Blätter*, por outro lado, encontra-se uma referência a “[der] Streit von angebohrnen Begriffen” (cf. id., *Lose Blätter zu den Fortschritten der Metaphysik*, AA 20: 335). Por outro lado, o próprio Kant emprega a substantivação de “[das] Angebohrne” e “[das] angebohren (sic)”.

(3) Cf. GRANGER, G.-G. *Pensée formelle et sciences de l’homme*. Paris: Aubier-Montaigne, 1967; p. 5: “Le danger de l’appellation ‘structuralisme’ réside en ce qu’elle laisse entendre que le problème est déjà résolu dans le sens de l’univocité.”

(4) BRANDS, H. *Untersuchungen zur Lehre von den angeborenen Ideen*. Meisenheim am Glan: A. Hain, 1977 *apud* OBERHAUSEN, M. *Das neue Apriori*. Kants Lehre von einer ‘ursprünglichen Erwerbung’ apriorischer Vorstellungen. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-hozboog, 1997; p. 23, n. 8.

Ao tocar-se a questão do “inato” em Kant, encontra-se de saída um elenco de palavras<sup>5</sup> com o mesmo radical, mas com variados prefixos e grafia parcialmente diversa. Com efeito, o filósofo vale-se de “*angeboren*”<sup>6</sup>, “*angebohren*”, “*angeborenen*”, “*angebohrnen*” (“inato”, em todos os casos<sup>7</sup>), “*ausgeboren*” (“parido”)<sup>8</sup>, “*eingeboren*”<sup>9</sup> (“ingênito”) e “*ungebohren*”<sup>10</sup> (“inascido”).

(5) Imediatamente a seguir, citam-se passagens correspondentes a alguns vocábulos, mas não a outros, o que se deve ao fato de, para os casos exemplificados, a citação ser, salvo engano, o único registro (em termos absolutos ou em relação aos níveis de significação aqui considerados) da mesma expressão nos escritos do filósofo. Para os demais vocábulos, cujo emprego não é a seguir referenciado, algumas das citações que exemplificam o seu uso serão feitas no decorrer do texto.

(6) “*Angeboren*” provirá da expressão “*was an einen geboren ist*”; cf. *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm* (Grimm). Disponível em: <<http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/dwb/wbgui?lemid=GA00001>>. Acesso em: 15 de setembro de 2008. Cf. ANDERSON, R.; GOEBEL, U.; REICHMANN, O. *Frühneuhochdeutsches Wörterbuch*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989; p. 1122 (“*angebären*”).

(7) Essas quatro expressões – “*angeboren*”; “*angebohren*”; “*angeborenen*”; “*angebohrnen*” –, também “*eingeboren*” e “*eingeborne*”, constituem, como se vê, um conjunto de vocábulos parônimos. – Com relação a “*angeboren*”, “*angebohren*” e “*angebohrnen*”, encontram-se as seguintes composições: cf. KANT, *Von den verschiedenen Racen der Menschen* (VvRM), AA 02: 435 (“*gleichsam angeboren*”); id., *Vorarbeiten zu Die Metaphysik der Sitten*, AA 23: 409 (“*gleichsam angebohren*”); id., *Vorlesungen über Logik* (Blomberg), AA 24: 62 (“*gleichsam angebohrnen Trieb zum Wohlwollen*”).

(8) Cf. id., *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können* (Prol), AA 04: 353: “(...) e tal é também o fim e a utilidade dessa disposição natural da nossa razão, que a metafísica pariu (*ausgeboren hat*) como a sua filha diletta (...)”.

(9) Cf. *Grimm*: “EINGEBOREN, unigenitus, *μονογενής* (...)”.

(10) Cf. id.: “*ungeboren*, part.-adj., *nicht geboren*”. Cf. KANT, *Immanuel Kant's Vorlesungen über die Metaphysik* [Metaphysik L<sub>2</sub>]. Herausgegeben von K. H. L. Pölitz. Erfurt: Keyserischen Buchhandlung, 1821; p. 164 (V-MP-L2/Pölitz). In: *Kant im Kontext III – Komplettausgabe – Werke, Briefwechsel, Nachlaß und Vorlesungen auf CD-ROM*. Herausgegeben von Karsten Worm und Susanne Boeck. 1. Aufl., Berlin 2007 (KKIII): “Mas de onde vêm [os conceitos] para o entendimento? Não se pode admiti-los como incriados (*unerschaffen*) e inascidos (*ungebohren*), pois isso poria um fim a toda a investigação e é muito anti-filosófico (*unphilosophisch*). Se eles são inatos (*angebohren*), então

No presente artigo, “inato” traduzirá “angeboren” (e, igualmente: “angeborenen”, “angebornen”, “angebohrnen”), referindo-se, também, à questão geral nele tratada, assim o fazendo já no seu próprio título. Desse modo, porém, opta-se pela tradição, não pelo rigor filológico, de vez que o prefixo “in-” (em qualquer um dos seus significados<sup>11</sup>) não corresponderá exatamente ao alemão “an-”. Se se tratasse de traduzir *filologicamente* “angeboren”, “congenito”, “conato” ou “conatural” poderiam, então, ser melhores opções.

Já o prefixo alemão “ein-” admite, em português, tanto “in-” (“privação, negação”, mas, também: “em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação”) quanto “uni-” (“um; apenas um, único”)<sup>12</sup>. Por conseguinte, “eingeboren” poderia ser traduzido por “ingênito” (“não-gerado” ou “gerado em”) como também por “unigênito”. Não obstante o dicionário *Grimm* registrar somente a última opção,

---

são revelações (*Offenbarungen*).” Por outro lado, na sua sinopse das *Vorlesungen über Metaphysik* (cf. *Vorlesungen Kants über Metaphysik aus drei Semestern*. Leipzig: S. Hirzel, 1894), considerando o mesmo manuscrito (identificado como “*Metaphysik L<sub>1</sub>*”, de meados dos anos 1770) publicado havia quase setenta anos por Pöhlitz, Max Heinze apontava a existência de “expressões que parecem colocar espaço e tempo, também antes da intuição, como absolutamente inatos e prontos”. A alternativa de interpretação oferecida em seguida pelo mesmo autor, com a qual acordo, será, se não a única aceitável, ao menos a mais ponderada, sobretudo em face de um texto não exatamente *autoral*: “... *In den Vorlesungen ... treffen wir Ausdrücke, die Raum und Zeit als durchaus angeboren und fertig auch vor der Anschauung hinzustellen scheinen. Raum und Zeit setzen keine Dinge voraus, sondern sie müssen vor allen Dingen vorausgesetzt werden: sie müssen gedacht werden ehe noch die Dinge gedacht werden. Was aber vor den Dingen gedacht wird, kann kein Ding sein. KANT wendet selbst dagegen ein: man werde sagen, es sei nicht möglich, subjectiv Raum und Zeit vor allen Dingen vorzustellen, worauf er nur antwortet, es solle auch nichts Objectives sein, aber, wofern es objectiv erscheinen solle, müsse es subjectiv vorausgehen. ... So müssen wir annehmen, dass die Ausdrucksweise in den Vorlesungen eine ungenaue ist, dass KANT unter gedacht werden nicht das Bewusstsein mit begreift, vielmehr nur darunter versteht: im Geiste sein in irgend einer Form, die er nicht näher bestimmt, vielleicht nur als Anlage.*” (*Kant Metaphysik L1 (Heinze)*, AA 28: 189 – **negrito meu**).

(11) Cf., aqui, n. 21.

(12) Cf. HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001; CD-rom versão 1.0)

creio que só a primeira poderá harmonizar-se com o contexto no qual “*eingeboren*” aparece em Kant:

O primeiro conceito de Deus é o de um ser primeiro (*von einem ersten Wesen*), à medida em que ele é causa do resto (*von den übrigen*). (...) Esse conceito é arbitrariamente feito por nós (*willkürlich von uns gemacht*)? – Não, mas dado pela nossa razão (*von unserer Vernunft gegeben*); não ingênito, mas adquirido (*nicht eingeboren, sondern erworben*). Ou seja: uma vez cultivada, [a razão] tem de necessariamente chegar a isso por ocasião da experiência (*wenn sie einmal kultiviert ist, daß sie notwendigerweise darauf kommen muß bei Gelegenheit der Erfahrung*). (...)”<sup>13</sup>

Tratando-se aí de uma *Vorlesung*, porém, não se tem completa garantia do efetivo emprego de “*eingeboren*” pelo filósofo. No outro exemplo da mesma expressão – em diferente registro, mas no âmbito das *Werke* –, ele próprio é quem indica o caminho da sua melhor tradução (“*eingeboren* (Autochthones)”) <sup>14</sup>.

Já no caso de “*ungebohren*”, podendo-se vertê-lo por “inato”, preferir-se-á um correspondente próprio – “inascido” –, mantendo-se, assim, a particularidade do prefixo que o distingue (“*un-*”). Mas, a despeito de a palavra em português traduzir literalmente o vocábulo alemão, não há registro dela nos dicionários de português consultados<sup>15</sup>, ainda que essas mesmas obras elenquem os vocábulos “inascibilidade”<sup>16</sup> (do latim “*innascibilitas*”) e “inascível”<sup>17</sup> (do latim “*innascibilis*”).

(13) Cf. KANT, *Fragment einer späteren Rationaltheologie*, AA 28: 1330.

(14) Cf. id., *VvRM*, AA 02: 432.

(15) FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa (Aurélio)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; *Houaiss*.

(16) Somente o *Houaiss*.

(17) Tanto o *Aurélio* quanto o *Houaiss*.

Kant também utiliza “*innatus*” (“inato”) e “*connatus*” (“congênito”)<sup>18</sup>, além de “*anerschaffen*” (“inculcado”) e “*unerschaffen*” (“incriado”), empregando, ainda, como adjetivos substantivados, “*Eingeborne*” (“nativo”) e “*Unerschaffene*” (“incriado”)<sup>20</sup>.

A propósito de “*innatus*”, donde provém diretamente o português “inato”, notar-se-á que ele remonta a duas etimologias, de modo que a tentativa de fazê-lo (assim, com efeito, segundo a tradição) corresponder a “*angeboren*” (assim como a “*angebohren*”, “*angeborenen*”, “*angebohrnen*”), também a “*eingeboren*” (assim, com efeito, segundo a filologia), recusando-o, em contrapartida, como inadequado para “*ungebohren*”, não é proposta isenta de ressalva<sup>21</sup>.

Com respeito a “*anerschaffen*”, por que traduzi-lo por “inculcado”, preterindo, por exemplo, dentre outras possíveis, as opções: “natural”, “incriado”, “congênito”, “inato”, como ainda, talvez, “incutido”, “infundido”?<sup>22</sup> Diferentemente do que aqui ocorre com “*angeboren*” (e, pois, igualmente com “*angebohren*”, “*angeborenen*”,

(18) No presente trabalho, utiliza-se a seguinte tradução da “Dissertação de 1770”: KANT, *Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*. Tradução, apresentação e notas de L. R. dos Santos e A. Marques. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985 (“Dissertação”, quando tratar-se da “Dissertação de 1770”; “Carta a Herz”, quando tratar-se da carta escrita por Kant a 21 de fevereiro de 1772).

(19) Cf. Grimm: “*unerschaffen*, part.-adj., increatus (...)”.

(20) Cf. KANT, *Reflexion* (Refl), AA 18: 600. Kant também emprega, ao menos uma vez, “*Erstgeburt*” (“primogênito”; cf. id., *Physische Geographie*, AA 09: 434), além de, em várias ocasiões, “*Geburt*” / “*Geburth*”.

(21) Cf. Houaiss (“inato”): “lat. *innátus*, a, um ‘nascido em ou sobre, natural, congênito’, part. pas. do v. lat. (depoente) *innascor*, èris, *nátus* sum, nasci ‘nacer em, ou sobre; nacer no, ou como (espírito), ser inato’; ver *inat(o)*- e *nasc-*; f. hist. 1649 *innato*, 1926 *inato*”; *ibid.* (“inato”): “lat. tar. *innátus*, a, um ‘não nascido, não criado’ < in + *nátus*; ver *nasc-* e *inat(o)*-”.

(22) Eu próprio traduzi-o, antes, por “incriado”: cf. MARQUES, “Notas sobre o ‘múltiplo’ na primeira *Crítica*”. *dois pontos*, Curitiba, São Carlos, 2, 2, 2005: 150. Já a tradução francesa de R. Kempf (*Réponse a Eberhard*. Paris: J. Vrin, 1973; p. 71) preferiu “*naturelles*”, ao passo que a de H. E. Allison (*The Kant-Eberhard Controversy*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973; p. 135), uma perífrase: “*divinely implanted* (*anerschaffene*)”.

“*angebohrt*”), “*eingeboren*”, “*ungebohrt*” e “*unerschaffen*”, a opção por “inculcado” tem sobretudo em vista o significado que “*anerschaffen*” assume no contexto filosófico kantiano. Se se pretendesse em especial a sua tradução, poder-se-ia, nesse caso, optar, por exemplo, por “engendrado”.

No *Grimm*, com efeito, lê-se: “ANERSCHAFFEN, *ingignere* (...) *gott hat uns die seele, nicht die sprache anerschaffen; die anerschaffende natur*”. “*Ingignere*” (também vertido pelo verbo “*eingebären*”, cujo particípio passado é “*eingeboren*”<sup>23</sup>) será literalmente “engenhara”, também “engendrar”. Pelo primeiro exemplo – “*deus hat uns (...) anerschaffen* a alma, não a linguagem” –, “*anerschaffen*” poderá ser traduzido por “criar”, “gerar” (“Deus criou-nos / gerou-nos a alma, não a linguagem”). Pelo segundo – “a natureza *anerschaffende*” –, no qual o verbo aparece ao lado do substantivo “natureza”, a expressão alemã corresponderá à fórmula latina “*natura naturans*” (embora a esta preferencialmente correspondam “*erschaffende Natur*” e “*schaffende Natur*”). Já nos versos seguintes de Friedrich Gottlieb Klopstock, na mesma obra citados, “*anerschaffen*” parece impor a tradução por “natural”: “*der anerschaffenen unschuld und des göttlichen bildes beraubt*” (“espoliado da inocência natural e da imagem divina”). Do ponto de vista filológico, compreender-se-á por “*anerschaffen*” o que é contíguo (“*an-*”) ao “criar”, ao “gerar” (“*-erschaffen*”), como ao criador, ao gerador, ou, então, o que é contíguo à criação, à geração, como ao criado, ao gerado, no primeiro caso enaltecendo-se a transcendência, o agente da criação, da geração, ao passo que, no segundo, a imanência ou o que, por referência ao paciente da criação, da geração, nele está (dir-se-ia melhor: a ele *imana*). No primeiro caso, Deus; no segundo, a natureza – nela, em particular, incluída a natureza humana. Se assim for, compreender-se-á que “*anerschaffen*” (como adjetivo) receba as traduções de “natural” e “inato” (cujos significados, contudo, podem às vezes discordar entre si, como quando “inato” signifique “não-natural”), mas também de “inculcado”. Se traduzido por “natural”, “*anerschaffen*” remeterá ao *produto* da criação, da geração. Se por “inato” (mas não agora no sentido de “não-natural”)



ou “inculcado”, ao *produtor* da criação, da geração. Note-se, assim, que “*anerschaffen*” poderia ser traduzido por “inato”, não fosse Kant haver distinguido entre “*anerschaffen*” e “*angeboren*”. Por outro lado, dada a proximidade ou mesmo identificação de “natural” com um sentido positivo de “inato”, admitido claramente n’*A Religião nos Limites da Simples Razão*, também na *Antropologia*, por exemplo, bem como a rejeição de “*anerschaffen*” na “Resposta a Eberhard”, não me parece razoável a escolha de “natural” para traduzir “*anerschaffen*”. Lê-se, com efeito, na primeira dessas obras: “(...) Mesmo essa [a felicidade] é, segundo a nossa natureza (se se quiser nomear assim em geral o que nos é inato) (*wenn man überhaupt das, was uns angeboren ist, so nennen will*) (...)”<sup>24</sup>. Já na segunda, por sua vez: “Elas dividem-se em paixões da disposição natural (inata) (*in die Leidenschaften der natürlichen (angeborenen)... Neigung*) e em paixões da disposição proveniente (adquirida) (*und die der... hervorgehenden (erworbenen) Neigung*) da cultura dos homens.”<sup>25</sup> E, na última: “(Visto que o próprio Sr. Eberhard reconhece que, para ser correta, a expressão inculcado (*anerschaffen*) tem de pressupor já como provada a existência de Deus, por que ele serve-se dela e não da velha expressão inato (*angeborenen*) numa crítica que tem a ver com os primeiros fundamentos de todo o conhecimento?)”<sup>26</sup> Com respeito a essa última passagem, parecerá difícil não ver no subtexto da interrogação dirigida a Eberhard, ou na contraposição entre “*anerschaffen*” e “*angeborenen*”, (1) a recusa do primeiro termo e a admissão do segundo, (2) a possibilidade de identificação entre “*anerschaffen*” e o significado recusado, negativo de “*eingepflanzt*” / “*eingepflanzt*”<sup>27</sup>, e, por fim, (3) uma declaração informal de Kant contra o inatismo das representações inculcadas ou “implantadas divinamente”<sup>28</sup>, ao

(24) KANT, *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft* (RGV), AA 06: 45.

(25) Id., *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (Anth), AA 07: 267.

(26) Id., ÜE, AA 08: 222.

(27) Cf., aqui, n. 44.

(28) Cf., aqui, n. 22. – Essa mesma contrariedade face a um “inato” resultante de *implantação divina* encontra-se na epígrafe do presente artigo.

lado de uma espécie de salvo-conduto em favor do “inato” – melhor: de um certo significado seu. Já pouco antes, na mesma obra, em tom igualmente declaratório, o filósofo dizia: “A Crítica não aceita, em absoluto, representações inculcadas (*anerschaffen*) ou inatas (*angeboren*).”<sup>29</sup> Não havendo nenhuma contradição entre uma declaração e outra (tampouco, assim parece, qualquer distinção conceitual entre “*angeboren*” e “*angebornen*”), caberá notar que, na passagem em pauta, “*angeboren*” é tomado como sinônimo de “*anerschaffen*”, ao passo que, logo mais adiante, “*angebornen*” será tido como antônimo de “*anerschaffen*” (e de “*angeboren*”, tal como mencionado na primeira ocorrência). Quanto à *velhice* da expressão (“[*der*] *alte Ausdruck der angebornen (...)*”) – embora o contexto não seja aí teórico, mas jurídico –, ela poderá ser verificada num tratado de direito alemão do século XV, ainda que, com tal exemplo, reapareça o significado tradicional da expressão, o mesmo que, na oposição destacada por Kant (“*anerschaffen*” versus “*angebornen*”), é reservado a “*anerschaffen*”: “(...) Quantos direitos há? Dois: um divino e um humano. O primeiro é um [direito] inato (*angeboren*); o outro, deve-se aprender; um, chama-se natural, o outro, civil.”<sup>30</sup>

Contra, ainda, a tradução de “*anerschaffen*” por “natural”, recordar-se-á a definição de “gênio” da qual se serve Kant no § 46 da terceira *Crítica*, na qual a imbricação entre “gênio” e “talento” resulta numa identificação indireta entre “natural” e “inato”:

Gênio é o talento (dom-natural) que dá a regra à arte. Já que o próprio talento como faculdade produtiva inata do artista pertence à natureza, poder-se-ia então também expressar-se assim: gênio é a inata disposição-de-ânimo (*Gemüthsanlage*) (*ingenium*)

(29) KANT, ÜE, AA 08: 221; cf., aqui, n. 117.

(30) BUMA, W. J. (Hsg.). *Das Fivelgoer Recht*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972. In: *DEUTSCHES RECHTSWÖRTERBUCH*. Disponível em: <<http://drw-www.adw.uni-heidelberg.de/drw/>> Acesso em: 15 de setembro de 2008 (o texto citado encontra-se disponível na seguinte página: <http://www.rzuser.uni-heidelberg.de/~cd2/drw/t/t7058.htm>)

(31) KANT, *Kritik der Urteilskraft* (KU), AA 05: 307.

(32) Cf., aqui, n. 44.

pela qual a natureza dá a regra à arte.<sup>31</sup>

Por outro lado, “incriado” parece termo adequado para verter exclusiva ou preferencialmente “*unerschaffen*” (vocábulo do qual se serve o filósofo), seja pelo prefixo “*un-*”, privativo (vertido em “incriado” pelo prefixo “*in-*” em seu significado também negativo), seja pelo radical “*erschaffen*” (“criar”; “gerar”), remissível, por seu turno, a “*schaffen*” (“criar”; “formar”). “Congênito”, por sua vez, traduzirá diretamente “*mitgeboren*”, vocábulo, porém, aparentemente não empregue por Kant. Não obstante, o filósofo utiliza o latim “*connatus*”, que tanto poderá ser traduzido por “inato” quanto por “congênito”. Por fim, o significado de “*anerschaffen*”, aproximando-se do significado negativo de “*eingepflanzt*” / “*eingepflantzt*” (“implantado”, por referência à ação ou ao ator que teria incutido determinadas representações em nós<sup>32</sup>), optei, então, por traduzir “*anerschaffen*” como “inculcado”, reforçando, assim, a idéia de “infusão”, “inserção”, mesmo que tal significado não esteja etimologicamente exibido no original, nem pelo prefixo “*in-*”, que não corresponderá exatamente ao alemão “*an-*” (embora haja o verbo “*einschaffen*”, que, segundo *Grimm*, será sinônimo de “*anerschaffen*”<sup>33</sup>), nem pelo radical latino “*calcare*”, algo distante do alemão “*schaffen*”.

Ainda com respeito a “*anerschaffen*”, uma das passagens mais pontualmente claras acerca do seu significado em Kant (embora, na tradução a seguir utilizada, o vocábulo tenha sido vertido por “inato”) e da repulsa do filósofo a um conhecimento cuja produção fosse alheia ao homem, será encontrada na *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht* (1784): “Ele [o homem] não deveria ser guiado pelo instinto, ou ser provido e ensinado pelo conhecimento inato [*anerschaffene Kenntniß*]; ele deveria, antes, tirar tudo de si mesmo [*alles aus sich selbst herausbringen*]”.<sup>34</sup>

(33) Cf. *Grimm*: “EINSCHAFFEN, *ingignere, anerschaffen*”.

(34) Cf. KANT, *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. Tradução de R. Naves e R. R. Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986; p. 12.

Num outro emprego de “*anerschaffen*” – agora, respectivamente, ao lado de “*anerben*”<sup>35</sup> e de “*angeboren*” –, lê-se: “(...) (se [[as] puras habilidades (*Lauter Geschicklichkeiten*)] fossem inculcadas (*anerschaffen*), então elas também seriam herdadas (*anerben*), o que, porém, contradiz (*widerstreitet*) a experiência (...)”<sup>36</sup>; “(...) Primeiro, o homem aprende a falar. Se o falar lhe fosse inculcado (*anerschaffen*), então ele também [lhe] seria inato (*angeboren*). (...)”<sup>37</sup> Pela primeira passagem, tem-se que, se uma habilidade for inculcada, ela tornar-se-á herdável. Já pela segunda, que: se o falar for inculcado, será, então, também inato. No primeiro caso, a implicação entre “inculcado” e “herdável” contrariará a experiência. De fato, as “habilidades”, uma vez “inculcadas”, formariam parte indelével da natureza do homem, não podendo encontrar-se num sem ao mesmo tempo estar em todos. Mostrando-nos a experiência, contudo, uns com certas habilidades, outros com outras, isso provaria serem todas adquiridas, pelo que, assim, não passariam de geração a geração. Inversamente, se todos os indivíduos ostentassem as mesmas “habilidades”, poderíamos então vir a reputar o fato à transmissão de uma característica “inculcada”, e, pois, transmissível. Já no segundo caso, como compreender a diferença entre “*anerschaffen*” e “*angeboren*”, sobretudo diante da impressão de que, nessa passagem, ambos os termos são rechaçados? Se o falar é “inculcado”,

(35) Cf. Grimm: “ANERBEN, hereditate competere, häufig aber auch innatum esse, propagari (...)”. Kant emprega também o verbo “*anarten*”; cf. id., “ANARTEN, natura insitum esse (...)”. Cf., por exemplo: KANT, Refl, AA 15: 529: “Von den Keimen in der Menschlichen Natur, wie sie sich gelegentlich entwickeln. (Durch physische und willkührliche Ursachen. Vom Anerben oder Anarten. Was aus dem Menschen könne gemacht werden. Erziehung.) Exempel am Weibe.”

(36) KANT, *Muthmaßlicher Anfang der Menschengeschichte* (1786), AA 08: 110.

(37) Id., Refl, AA 15: 620. – Não só nesta, mas também na passagem citada imediatamente antes, o “falar” está em causa, sendo, com efeito, uma das “habilidades” que o homem tem de adquirir. – O opúsculo *Suposto Início da História Humana* é de 1786, ao passo que a presente reflexão (n. 1423), segundo Adickes, terá sido redigida entre 1773-1775 e 1776-1778, o que põe entre ambos os textos um intervalo de no mínimo oito e de no máximo treze anos. Dada a forte similitude entre eles, é de conjecturar-se que ou o segundo – embora lhe sendo distante – terá servido ao primeiro ou que essa *Reflexion* admitirá outra hipótese de datação.

e, pois, “inato”, tal significará que o que vem a ser implantado no homem torna-se parte da sua natureza.<sup>38</sup>

Sendo comum em Kant – que, assim fazendo, mantém, como sabido, prática já adotada por Baumgarten –, o emprego conjunto de expressões alemãs e latinas ocorre também no presente caso. No período entre 1797 e 1799, por exemplo, no âmbito do chamado *Opus postumum* (e sem nenhum registro das precauções manifestadas pelo filósofo a propósito do “inato” na “Dissertação de 1770”, de algum modo reforçadas vinte anos depois na “Resposta a Eberhard”), Kant utilizará, com respeito à “força” (“*vis*”) motriz ou às “forças” (“*vires*” / “*Kräfte*”) motrizes, como termos sinônimos e em significação positiva, “congênicas (*congenitae*)”, “ingênicas” / “jazentes por natureza” (“*ingenitae*” / “*von Natur liegende*”), “originárias (*ursprüngliche*) (*congenitae*)” e “inatas (*innatae*)”, sempre em oposição a “impressas” (“*impressae*” / “*eingedrückt*”) (“*vires innatae motrices non impressae*”)<sup>39</sup>.

De outra parte, ao lado das ocorrências de “inato (*angeboren; angebohren; angebornen; angebohrnen; innatus*)”, “ingênito (*eingeboren*)”, “inascido (*ungeboren*)”, “congênito (*connatus*)”, “inculcado (*anerschaffen*)” e “incriado (*unerschaffen*)” – quer na significação admitida pelo filósofo (para os casos de “inato (*angeboren; angebohren; angebornen; angebohrnen; innatus*)” e “congênito”), quer na que ele recusa (para os casos de “inato (*angeboren; angebohren; angebornen; angebohrnen*)”, “ingênito”, “inascido”, “congênito”, “inculcado” e “incriado”) –, haverá outras expressões a destacar, que, acompanhando ou não as ocorrências dos termos e expressões apenas lembrados, tocam a mesma questão do estatuto dessa forma de representação no *corpus* kantiano; por exemplo: “*Keim*”<sup>40</sup>

(38) Que haja um sentido eminentemente físico-fisiológico de “inato” em Kant atestam-no, por exemplo, as seguintes passagens da *Antropologia*: “Que falta ou perda de um sentido é mais importante: a [do sentido] da audição ou [a do sentido] da visão? – Se ela fosse inata (*angeboren*), a primeira é, entre todas, ao menos compensável. (...)” (KANT, AA 07: 159); “(...) se a falta de um sentido (o da visão, por exemplo) é inata (*angeboren*) (...)” (*ibid.*, p. 172).

(39) Cf. *id.*, *Opus postumum*, AA 21: 169; 171; 173; 174; 616.

(40) Cf. *Grimm*: “KEIM, m. germen, gemma”.

/ “Keime”<sup>41</sup> (“germe”) / “Keimen” (“germes”), “Anlage”<sup>42</sup> (“disposição”) / “Anlagen” (“disposições”) <sup>43</sup>, “Epigenesis” (“epigênese”), “Präformation” (“pré-formação”), “eingepflanzt”<sup>44</sup> / “eingepflanzt” (“implantado”), “ursprünglich” (“ori-

(41) Id., “1) *germinatio, das keimen (...)* 2) *der keim selbst (...)*”; “KEIMEN, *germinare, pullulare (...)*”.

(42) Id., “ANLAGE, f. *impositio, dispositio, indoles.*”

(43) “Germe” / “germes”, “disposição” / “disposições” são expressões características da concepção pré-formista, sendo encontradas, por exemplo, nas *Considerações Sobre os Corpos Organizados*, de Charles Bonnet; cf. BONNET, C. *Considérations sur les corps organisés*. Amsterdam: M. M. Rey, 1768, 2, p. 27: “*Je n’ai ici d’autre objet que de chercher à établir que, ce que nous nommons production ou reproduction dans nos espèces de zoophytes, n’est que le développement de petits tous organiques qui pré-existoient dans le grand tout dont ils réparent les pertes. Ainsi, soit que cette réparation dépende de germes qui ne contiennent précisément que ce qu’il s’agit de réparer; soit qu’elle dépende de germes qui contiennent un animal entier et dont ne se développe qu’une partie, précisément semblable à celle qui a été enlevée, tout revient au même dans l’une et l’autre supposition: ce n’est jamais une génération proprement dite; c’est toujours la simple évolution de ce qui étoit déjà engendré.*” Não obstante, essas expressões são também empregues pelos partidários e defensores da epigênese, como, por exemplo, Christoph Girtanner, discípulo de Johann Friedrich Blumenbach; cf. GIRTANNER, C. *Über das Kantische Princip für die Naturgeschichte*. Edited and Introduced by R. Bernasconi. Bristol: Thoemmes, 2001; p. 11-12. – “Germe” (“Keime”) e principalmente “disposições naturais” (“*Naturanlagen*”) aparecem, também, em várias passagens da *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita* (cf., trad. cit., especialmente: p. 9-13).

(44) Cf. Grimm: “EINPFLANZEN, *inserere, ingignere.*” Para o significado admitido de “eingepflanzt” em Kant, cf., por exemplo: KANT, *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (NTH), AA 01: 332; id., *Über den Gebrauch teleologischer Principien in der Philosophie*, AA 08: 168; id., <sup>Anth.</sup> AA 07: 152; 253; <sup>323:</sup> id., *Vorlesungen über Moralphilosophie* (Herder), AA 27: 15; id., *Vorlesungen über Moralphilosophie* (Vigilantius) / [Metaphysik der Sitten Vigilantius], AA 27: 571; 699. Para o significado repellido da mesma expressão, em contrapartida, cf., por exemplo: id., *Selbständige Reflexionen im Handexemplar der Kritik der reinen Vernunft* (A), AA 23: 26; id., *Kritik der reinen Vernunft* (KrV), B 167; id., Prol, AA 04: 319; id., Refl, AA 18: 434-435; id., *Vorlesungen über Moralphilosophie* (Schön) / [Metaphysik von Schön] (V-MP/Schön), AA 28: 467) – e, especialmente: id., *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*, AA 04: 425-426. Não obstante essas distinções entre um significado admitido, outro repellido de “eingepflanzt” / “eingepflanzt”, conforme aos quais o último reporta-se à introdução de certas representações em nós por Deus, num passo da *Doutrina Filosófica da Religião Segundo Pölitz* (*Philosophische*

ginário”), “*bei / bey Gelegenheit der Erfahrung*” (“por ocasião da experiência”)⁴⁵. Tais expressões encontram-se dispersas ao longo da obra e dos demais escritos.

---

*Religionslehre nach Pölitz* (V-Phil-Th/Pölitz). In: KKIII, p. 150-151), reproduzido quase *ipsis litteris* na *Teologia Natural Volckmann Segundo Baumbach* (*Natürliche Theologie Volckmann nach Baumbach* (V-Th/Volckmann), AA 28: 1188), ambos os textos datados de 1783-1784, Kant afirma (nas passagens não idênticas entre si desses textos, traduzo primeiro a variante de Pölitz, em seguida a de Volckmann, uma e outra realçadas por mim, na tradução, em negrito, sendo desprezadas somente as diferenças de pontuação entre elas): “O mal não tem **absolutamente / em verdade** nenhum germe (*Keim*) particular, pois ele é mera negação e consiste **somente / meramente** na limitação (*Einschränkung*) **do / para o** bem. Ele nada mais é senão [a] incompletude (*Unvollständigkeit*) do desenvolvimento (*Entwicklung / Entwicklung*) do germe para o bem, a partir da bruteza (*Rohheit / Rohigkeit*). Mas o bem tem um germe, pois ele é autônomo (*selbstständig / selbständig*). Mas essas disposições (*Anlagen*) para o bem, que Deus colocou nos homens (*die Gott in den Menschen gelegt hat*), têm de primeiro ser desenvolvidas pelo próprio homem (*von dem Menschen selbst entwickelt*), antes que o bem possa aflorar (*bevor das Gute zum Vorschein kommen kann*)”. Em ambos os casos, Kant reporta-se a Leibniz (cf. id., V-Phil-Th/Pölitz, ed. cit., p. 147; id., V-Th/Volckmann, AA 28: 1185), de modo que a afirmação – em aparência comprometedora – acima referida – “[disposições] que Deus colocou nos homens ([*Anlagen*,] *die Gott in den Menschen gelegt hat*)” – deverá ser ao menos atenuada.

(45) Em Kant, a expressão “*bei Gelegenheit der Erfahrung*” (“por ocasião da experiência”) corresponderá a fórmulas de conteúdo similar, já presentes em Leibniz: “(...) *Il est vrai qu’il ne faut point s’imaginer qu’on puisse lire dans l’âme ces éternelles lois de la raison à livre ouvert, comme l’édit du preteur se lit sur son album, sans peine et sans recherche; mais c’est assez qu’on puisse les découvrir en nous à force d’attention: à quoi les occasions sont fournis par les sens (...)*”; “(...) *qu’il y a des idées et des principes qui ne nous viennent point des sens, et que nous trouvons en nous sans les former, quoique les sens nous donnent occasion de nous en apercevoir. (...)*”; “(...) *il est incontestable que les sens ne suffisent pas pour en [(“les vérités nécessaires”] faire voir la nécessité, et qu’ainsi l’esprit a une disposition (tant active que passive) pour les tirer lui-même de son fonds; quoique les sens soient nécessaires pour lui donner de l’occasion et de l’attention pour cela (...)*” (LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux essais sur l’entendement humain* (Nouveaux essais). Paris: Garnier-Flammarion, 1966; p. 35; 59; 64, respectivamente). Igualmente, em Descartes: “(...) *je tiens que toutes celles [idées] qui n’envelopent aucune affirmation ni négation nous sont innatae; car les organes des sens ne nous rapportent rien qui soit tel que l’idée qui se réveille en nous à leur occasion, et ainsi cette idée a dû être en nous auparavant.*” (“Lettre au Père Mersenne (22 juillet 1641)”). In: DESCARTES, R. *Œuvres philosophiques*. Paris: Garnier, 1967; v. II, p. 352). Já os correspondentes a “exciter”, no sentido no qual a palavra é por exemplo empregue em Leibniz – “(...) *nous jugerons dans la suite que la*

Ao menos para os casos de “germe”, “disposição”, “implantado”, “originário” e “por ocasião da experiência”, trata-se de glossário já em uso por outros filósofos e filosofias. Com respeito a “epigênese” e “pré-formação”, esses conceitos são a imagem declarada do embate então em curso acerca da origem e geração dos seres organizados, o qual, depois, será situado e abordado por Kant, em especial no § 81 da terceira *Crítica*<sup>46</sup>.

Será devido, ainda, recordar outros vocábulos e construções, que, tocando indiretamente o ponto em causa, permitem destacar usos e opções talvez não inteiramente conscientes da parte do filósofo. Entre outros, creio interessante apontar algumas ocorrências do verbo “*beiwohnen*” / “*beywohnen*” (coabitar; estar; encontrar-se<sup>47</sup>). Lê-se, por exemplo, no § 3 da “Estética transcendental”: “Como (...) pode coabitar (*beiwohnen*) o ânimo uma intuição externa que precede os próprios objetos e na qual o conceito dos últimos pode ser determinado *a priori*?”<sup>48</sup> Ou, igualmente, no § 10 da “Analítica dos conceitos”: “(...) porque (...) justo esses e não outros conceitos coabitam (*beiwohnen*) o entendimento puro”<sup>49</sup>. Em ambos

---

*doctrine externe ne fait qu’exciter ici ce qui est en nous (...)*” (*Nouveaux essais*, p. 61) –, serão “*erwecken*” e “*erregen*”. Assim, nos *Prolegômenos*: “(...) despertar (*erwecken*) a filosofia do seu sopor dogmático (...)” (KANT, *ProL*, AA 04: 338). Também na *Crítica da Faculdade do Juízo*: “As idéias do artista provocam (*erregen*) idéias semelhantes do seu aprendiz, se a natureza dotou-o com uma proporção semelhante das capacidades-do-ânimo (*Gemüthskräfte*).” (id., *KU*, AA, 05: 309). Ainda a propósito da expressão aqui salientada, cf. id., *KrV*, B 482: “*durch Veranlassung der Wahrnehmungen*” (“por meio da ocasião das percepções”); id., *Refl*, AA 18: 435: “*bey veranlassung (sic) der Erfahrung*” (“por ocasião da experiência”). Cf. id., *Immanuel Kant’s Vorlesungen über die Metaphysik* [Metaphysik L<sub>1</sub>]. Herausgegeben von K. H. L. Pölitz. Erfurt: Keyserischen Buchhandlung, 1821. In: *KKIII*, p. 146: “*Obgleich sie [die Sinne] kein principium essendi sind, so sind sie doch conditio sine qua non.*”

(46) Cf. KANT, *KU*, AA 05: 423-424; *RGV*, AA 06: 80; id., *Kant Metaphysik K2* (Heinze, Schlapp) (V-MP-K2/Heinze), AA 28: 760; id., *Kant Metaphysik Dohna*, AA 28: 684.

(47) Cf. *Grimm*, “*beiwohnen*”: “1) *concumbere*, mlat. *cohabitare*, wofür auch oft *wohnen* bei einer, *habitare cum aliqua steht*”.

(48) KANT, *KrV*, B 41.

(49) *Ibid.*, B 107.



os casos<sup>50</sup>, o emprego do verbo está respectivamente relacionado à aprioridade da intuição pura e da categoria, qualidade que nalguma medida torna-se suspeita de ocultar uma ascendência comprometedora.

Afora o vocabulário já destacado, outras expressões, umas mais, outras menos, manifestam a presença de fundo da questão da origem e as dificuldades a ela inerentes. Por exemplo: “*mit der Geburt*”<sup>51</sup>, “*mit unserer Geburt*”, “*aus uns selbst*”, “*in uns selbst*”.

Com relação a “*mit unserer Geburt*”:

Mas a nossa intuição dessas idéias divinas (pois por certo teríamos de ter uma intuição *a priori* se quiséssemos tornar compreensível a faculdade de proposições sintéticas *a priori* na matemática pura) ser-nos-ia participada só indiretamente com o nosso nascimento (*mit unserer Geburt*) – como sendo a imitação (*ectypa*), o como que assombreamento de todas as coisas que conhecemos sinteticamente *a priori* –, o qual [nascimento], porém, ao mesmo tempo trouxe consigo um obscurecimento dessas idéias devido ao esquecimento da sua origem.<sup>52</sup>

Acerca de “*aus uns selbst*” e “*in uns selbst*”: “Se nós os [“conceitos puros *a priori*”] tomamos de nós mesmos (*aus uns selbst*), então o que é simplesmente em nós

---

(50) Cf., ainda: id., Refl, AA 17: 640: “Nós não temos nenhuma intuições além das [tidas] por meio dos sentidos; portanto, não podem coabitar (*beywohnen*) no entendimento nenhuns outros conceitos, senão os que se encaminham para a disposição e a ordenação sob essas intuições.”; id., Prol, AA 04: 375: “(...) o espaço, (...) junto com todas as suas determinações, pode ser conhecido *a priori* por nós, porque, tanto quanto o tempo, ele coabita (*beiwohnt*) em nós antes de toda a percepção ou experiência, como a forma pura da nossa sensibilidade (...).”; id., KrV, B 255-256: “Nós só antecipamos a nossa própria apreensão, cuja condição formal, posto que ela coabita (*beiwohnt*) em nós mesmos anteriormente a todo o fenômeno dado, tem de certamente poder ser conhecida *a priori*.”

(51) A propósito de “*mit der Geburt*”, cf., aqui, n. 109.

(52) Cf. KANT, *Von einem neuerdings erhobenen vornehmen Ton in der Philosophie*, AA 08: 391.

(*in uns*) não pode determinar a constituição (*Beschaffenheit*) de um objeto diferente das nossas representações (...).<sup>53</sup>

De outra parte, dois fragmentos do “Prefácio” à primeira edição da *Razão Pura*, por exemplo, como que testemunhariam em favor de um suposto inatismo kantiano. É assim que, num deles, Kant, referindo-se à razão, fala das “suas leis eternas e imutáveis (*ihren ewigen und unwandelbaren Gesetzen*)”<sup>54</sup>, repetindo expressão antes empregue na *História Universal da Natureza e Teoria do Céu*<sup>55</sup>. Não sendo em si mesma isenta nem especialmente apropriada, tal fórmula é, todavia, demasiado comum, no âmbito filosófico e fora dele<sup>56</sup>, de modo que a inespecificidade e a profusão do seu emprego não lhe permitirão atestar o comprometimento do filósofo para com a doutrina inatista.

(53) Cf., por exemplo, id., KrV, A 129.

(54) Id., KrV, A xii. Já pouco mais adiante, no mesmo texto: “(...) tenho de lidar unicamente com a própria razão e com o seu pensar puro, por cujo conhecimento pormenorizado eu não preciso procurar longe de mim (*weit um mich*), porque em mim mesmo (*in mir selbst*) o encontro.” (ibid., A xiv). Ainda a propósito das “leis eternas e imutáveis”, cf.: id., V-Th/Volckmann, AA 28: 1202 (“*ewigen Gesetzen der Vernunft*”); ibid., p. 1183; id., V-Phil-Th/Pölitiz, ed. cit., p. 139. Por outro lado, será talvez arriscado – sem nenhuma ressalva, ao menos – citar a passagem na qual é encontrada essa expressão, justo para, em face da Revolução Francesa, caracterizar a “*Kant’s revolution*” com ela acorde; cf. STRUM, A. “Public Space, Language and Tone in Kant’s Philosophical Republic”. In: *Kant und die Berliner Aufklärung*. Akten des IX. Internationalen Kant-Kongresses. Herausgegeben von Volker Gerhardt, Rolf-Peter Hörstmann und Ralph Schumacher. Berlin: Walter de Gruyter, 2001; p. 259. Já acerca de uma outra construção (cf. KANT, KrV, A 2), formulada a respeito dos “conhecimentos universais (*allgemeine Erkenntnisse*)” – “(...) [que] têm de por si próprios ser claros e certos (...)” (“(...) [die] müssen (...) für sich selbst klar und gewiß sein (...)”) –, Vaihinger a considera como “(...) uma característica do conceito cartesiano-lockeano de idéias inatas, que no aperfeiçoamento (*Fortbildung*) kantiano dessa doutrina não cabe mais de modo nenhum (*gar nicht mehr hineinpasst*)”; cf. VAIHINGER, H. *Kommentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*. Aalen: Scientia Verlag, 1970; v. 1, p. 166.

(55) KANT, NTH, AA 01: 293.

(56) Dentre tantos, empregam-na, com efeito, Jean Calvin e Voltaire, por exemplo.

## 2. PARECERES

A hipótese de revivescência do “inato” na primeira *Crítica* segue o acolhimento da obra desde o final do Setecentos, representando um dos *Leitmotiven* preferenciais no âmbito da literatura kantiana, ontem como nos dias que correm. Nas palavras de Michael Oberhausen: “Designar o *a priori* kantiano simplesmente como inato ou identificá-lo com a doutrina tradicional das idéias inatas é ainda hoje um clichê corrente.”<sup>57</sup>

Sobre a atenção de Kant ao tema, constata o mesmo comentador:

Kant não expõe, como Locke, uma crítica consistente da doutrina das idéias inatas, mas as suas observações encontram-se dispersas nos seus escritos, cartas, reflexões e preleções, sendo, ademais, freqüentemente parentéticas ou [provenientes] de lacônicas concisões.<sup>58</sup>

Embora assim, o próprio Kant, na “Resposta a Eberhard”, texto no qual mais longa e diretamente debruçou-se sobre a questão – não o tendo feito de grado, mas instigado pelo seu contendor –, indica, entretantes, a fonte na qual o significado

---

(57) OBERHAUSEN, op. cit., p. 6. Na sua obra, Oberhausen refere-se de saída a uma “teoria” da aquisição originária (ou então à “doutrina kantiana de uma aquisição do conhecimento”), cuja “reconstrução” apresenta “dificuldades específicas”. Fala ainda, com relação a Kant, da “formulação” de uma tal teoria, e, por conseguinte, do “problema da unidade e continuidade da doutrina kantiana acerca de uma aquisição do conhecimento” (ibid., p. 20), o qual, porém, só terá sentido se se aceitar a existência de uma tal “doutrina”. Mas, justamente, haverá algo assim? O mesmo autor, por sinal, parece reconhecer os limites dessa assunção: “Kant desenvolveu a sua teoria de uma *acquisitio originaria* das representações apriorísticas o mais tardar na Dissertação Inaugural de 1770, sempre de novo apoiando-se sobre ela, também nas décadas seguintes, quando se tratou de esclarecer a possibilidade das representações apriorísticas. Sintomaticamente, todavia, ele nunca expôs essa doutrina, tal sendo o substancial das dificuldades aqui abordadas (...) O quase que único lugar no qual Kant exprimiu-se algo circunstancialmente sobre essa teoria [trata-se de passagem da “Resposta a Eberhard”; cf. KANT, ŪE, AA 08: 221] (...) é, além disso, a considerar com uma certa precaução, visto tratar-se de uma reação de Kant a um ataque contra a sua filosofia. Tanto o tema quanto também a direção da disputa são respectivamente antepostos por Eberhard.” (ibid., p. 96)

(58) OBERHAUSEN, op. cit., p. 72.

do conceito em Leibniz pode ser corretamente compreendido. Procedendo desse modo, por outro lado, ele deveria clarificar o significado autêntico de “*a-priori*” na própria filosofia transcendental:

O inatismo (*Angeborenssein*) de certos conceitos, como expressão para uma faculdade fundamental (*für ein Grundvermögen*) em referência aos princípios *a priori* do nosso conhecimento – da qual ele [Leibniz] se serve meramente contra Locke, que não reconhecia outra origem, senão a empírica –, é incorretamente compreendido quando tomado literalmente (*unrecht verstanden, wenn man es nach dem Buchstaben nimmt*).<sup>59</sup>

Imediatamente a seguir, em nota, ele observa:

Em que sentido Leibniz toma a palavra inato (*Angeboren*), quando a emprega (*braucht*) a partir de certos elementos do conhecimento, [tal] poderá agora ser ajuizado. Um ensaio de Hißmann no *Mercúrio Alemão* de outubro de 1777 pode facilitar esse ajuizamento.<sup>60</sup>

No texto aludido, com efeito – “Observações Sobre Algumas Regras Para o Historiador dos Sistemas Filosóficos. Sobre as Investigações de Dutens e Sobre os

---

(59) KANT, ÜE, AA 08: 249. Não se compreende suficientemente bem a restrição levantada pelo filósofo a respeito do “inatismo” leibniziano – “quando tomado literalmente” –, estimando-se ela seja motivada, em razão da generalidade do termo empregue (“*Angeborenssein*”), pelo eventual parentesco que se quisesse encontrar, a propósito, entre Leibniz e Platão.

(60) *Ibid.*, p. 223. Não obstante, na *Antropologia*, referindo-se a Leibniz, Kant dirá: “(...) partidário da escola platônica, admitia intuições intelectuais puras inatas, chamadas idéias (*nahm angeborne reine Verstandesanschauungen, Ideen genannt, an*), que seriam encontradas no ânimo humano (...), e a cujas decomposição e iluminação por meio da atenção nós unicamente deveríamos o conhecimento dos objetos como eles são em si mesmos (...)” (KANT, Anth, AA 07: 141, nota). Tratando-se nessa nota de reevocar o “grande erro” da escola de Leibniz e Wolff acerca da sensibilidade e do entendimento, o comentário em pauta justifica a observação inicial de Kant, que imediatamente o antecede: “Disso, Leibniz era propriamente culpado (*Leibniz (...) war eigentlich Schuld daran.*)” Ainda a propósito de Leibniz e do “inato”, cf.: *id.*, PhilEnz, AA 29: 14-16.

Conceitos Inatos em Platão, Descartes e Leibniz” –, Michael Hißmann, na comparação proposta entre os filósofos envolvidos, conclui:

Platão e Descartes afirmam o completo inatismo (*Angeburt*) de certos conceitos, que a divindade já concedeu desenvolvidos à alma. Segundo a teoria leibniziana, as idéias inatas são somente traços sutis fundamentais na alma (*nur feine Grundstriche in der Seele*), que o entendimento tem de primeiramente desenvolver e aclarar.<sup>61</sup>

Sem referência à experiência e à ocasião que ela fornece para o surgimento de tais idéias (o que é destacado por Leibniz), o autor acrescenta:

No trato com os conceitos inatos, Leibniz deixa mais poder (*Macht*) à alma humana do que o fazem Platão e Descartes. (...) No sistema leibniziano, a alma não é meramente a fonte dessas idéias, mas também a única faculdade formadora de idéias (*die einzige Ideenbildende Kraft*).<sup>62</sup>

---

(61) HIßMANN, M. “Bemerkungen über einige Regeln für den Geschichtsschreiber philosophischer Systeme; über Dutens Untersuchungen – und über die angebohrnen Begriffe des Plato, Deskartes und Leibnitz.” In: < <http://ww.ub.uni-bielefed.de/diglib//aufkl/teutmerk/teutmerk.htm> > Acesso em: 15 de setembro de 2008. A obra à qual o título do artigo de Hißmann refere-se fora publicada onze anos antes: DUTENS, L. *Recherches sur l’origine des découvertes attribuées aux modernes*. Paris: Duchesne, 1766. Eco tardio da *querelle des anciens et des modernes*, o escrito de Dutens oferece testemunho do fio condutor interpretativo a respeito do “inato”: “*Les idées innées des premières vérités, défendues par Descartes & Leibnitz, & qui ont élevé des disputes si vives & si subtilement discutées parmi les métaphysiciens de ce siècle, ont puisé leur origine dans Platon, source féconde des vérités les plus sublimes pour un esprit attentif.*” (op. cit., I, p. 23) Após duas páginas de mero resumo da teoria platônica das idéias, Dutens conclui: “*Descartes & Leibnitz ont raisonné de la même manière, en admettant des vérités éternelles & premières, imprimées en nos ames; ..... ils ont substitué la préexistence & la création des ames à leur émanation de la Divinité, enseignée par Platon; et ils ont défendu ce système avec les mêmes raisons, dont s’étoit servi Platon, & qui paroissent être puisées dans cet auteur même.*” (ibid., p. 26)

(62) HIßMANN, op. cit., p. 51. O inatismo leibniziano, dito “moderado”, pareceria então responder a um outro, por antinomia radical. Como quer que seja, menos do que um tema central, o “inato”,

Se Hißmann apresenta corretamente o inatismo de Leibniz – tal o parecer de Kant –, do seu esquema interpretativo resultará, assim, que os sistemas de Platão e Descartes defendem a existência de idéias inatas *completamente acabadas* na alma hu-

de Descartes a Kant, é questão em disputa, espécie de desaguadouro emblemático das dissensões de então. Se voltarmos ao filósofo francês, por sinal, seremos talvez levados a contemporizar o pretenso inatismo radical que lhe é via de regra imputado. Lê-se, com efeito, nas *Notæ in programma*: “(...) *je n’ai jamais écrit ni jugé que l’esprit ait besoin d’idées naturelles qui soient quelque chose de différent de la faculté qu’il a de penser. Mais bien est-il vrai que, reconnaissant qu’il y avait certaines pensées qui ne procédaient ni des objets de dehors, ni de la détermination de ma volonté, mais seulement de la faculté que j’ai de penser: pour établir quelque différence entre les idées ou les notions qui sont les formes de ces pensées, et les distinguer des autres qu’on peut appeler étrangères, ou faites à plaisir, je les ai nommées naturelles; mais j’ai dit au même sens que nous disons que la générosité, par exemple, est naturelle à certaines familles, ou que certaines maladies, comme la goutte ou la gravelle, sont naturelles à d’autres; non pas que les enfants qui prennent naissance dans ces familles soient travaillés de ces maladies aux ventres de leurs mères, mais parce qu’ils naissent avec la disposition ou la faculté de les contracter.*” (DESCARTES, *Œuvres philosophiques*, ed. cit., v. III, p. 807. Não por acaso, Hermann Cohen lembrará essa mesma passagem na abertura da primeira edição do seu *Kant-Buch* (sem todavia remetê-la ao texto no qual se encontra), justo ao situar o “*a priori*” perante o “*inato*”; cf. COHEN, H. *Kants Theorie der Erfahrung*. Berlin: Ferd. Dümmlers, 1871; p. 1.) Da mesma forma, na *Epístola a Voetius*, em 1643: “*Toutes les choses, dont la connaissance est dite mise en nous par la nature, ne sont pas pour cela explicitement connues de nous; mais seulement elles sont telles que nous les puissions connaître, sans aucune expérience des sens, par les forces de notre propre intelligence.*” (DESCARTES, *Épître à Voetius*. In: *Œuvres philosophiques*, ed. cit., v. III, p. 30). Seja como for, à luz desses textos (aqui somente recordados) pareceria difícil optar pela imagem de uma representação pronta e acabada como característica da idéia inata defendida pelo filósofo, senão que, em certa medida, seria viável, no mesmo passo, aproximá-la, com o devido cuidado, da “*disposição*” ou “*inclinação*” realçadas por Leibniz. Por fim, uma passagem da “*Meditação Terceira*” – a mesma na qual as idéias são distinguidas em “*inatas*”, “*adventícias*” e “*fictícias*” – permitirá supor uma outra forma de aquisição, para além daquela que caracteriza a idéia “*adventícia*”, e pela qual se adquirem as idéias de “*duração*” e de “*número*”: “(...) quando penso que sou agora e me lembro, além disso, de ter sido outrora e concebo mui diversos pensamentos, cujo número conheço, então **adquiro em mim** as idéias da duração e do número que, em seguida, posso transferir a todas as outras coisas que quiser.” (id., *Meditações Metafísicas*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (negrito meu – o texto latino diz “*acquirō*”, ao passo que a tradução francesa: “*i’acquiers en moi*”; cf., para o original: id., *Meditationes de Prima Phi-*

mana, ao passo que, em Leibniz, tratar-se-á de uma disposição a ser desenvolvida e aclarada *pelo entendimento* (por ocasião da experiência, seria preciso acrescentar).

Observe-se que Kant, a propósito de Leibniz, alude a “*Das Angeborenein gewisser Begriffe*” (“o inatismo de certos conceitos”)<sup>63</sup>, ao passo que Hißmann, com relação a Platão e a Descartes, a “*die gänzliche Angeburt gewisser Begriffe*” (“o completo inatismo de certos conceitos”)<sup>64</sup>. A eventual diferença entre ambas as expressões (supondo-se não haver nenhuma digna de nota entre “*Angeborenein*” e “*Angeburt*”<sup>65</sup>), ficará por conta do “*gänzlich*” empregue por Hißmann. Nesse caso, o problema (já com Platão e Descartes, segundo Hißmann) não seria exatamente relativo à *extensão* (quantos e quais conceitos serem ou não inatos), mas à *intensidade* (*quão* inatos serão tais ou quais conceitos), o que poderá indicar a importância da questão da origem diante da mera categorização das representações elementares, de acordo com um quadro referencial supostamente inquestionável.

Como quer que seja, a razão do juízo positivo de Kant sobre a análise de Hißmann (a despeito de essa ser construída em nível algo superficial) assentará na diferença ressaltada pelo autor do artigo entre, por um lado, o “inatismo” de Platão e Descartes, e, por outro, o de Leibniz, leitura condizente com a posição do filósofo em reflexões que teriam sido manuscritas em especial no período entre 1776 e 1778<sup>66</sup>.

Mais adiante, em passagem de artigo nas *Mémoires de l'Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres* (1788-1789), a questão de como deva ser compreendido o “inato” será também evocada por Johann Christian Schwab:

---

losophia. In: *Œuvres de Descartes publiées par Charles Adam & Paul Tannery*. Nouvelle présentation, en co-édition avec le Centre National de la Recherche Scientifique. Paris: J. Vrin, 1983; VII, p. 44, l. 30; para a versão do Duc de Luynes, publicada em 1647: id., 1982; IX - 1, p. 35].

(63) KANT, ŪE, AA 08: 249.

(64) HIßMANN, op. cit., p. 51.

(65) Cf. *Grimm: “ANGEBURT, f. natura, indoles”*.

(66) Algumas dessas reflexões serão lembradas adiante.

*Si l'ame n'a besoin, pour former ses sensations & ses idées, que d'y être excitée par les causes extérieures; il faut bien qu'indépendamment de ces causes, elle en porte déjà le germe en elle-même, c'est à dire qu'elle y ait une disposition bien déterminée. C'est cette disposition si déterminée, cette puissance, si près de l'acte, (pour me servir des termes de l'École,) qu'il est proprement ce qu'on doit entendre par idée innée. Sans doute les idées ne sont pas originai-  
rement dans l'ame toutes formées, & telles que nous les avons à présent; mais elles pourroient bien y être, comme l'arbre est dans le pepin, ou comme l'étincelle est dans le caillou.<sup>67</sup>*

Afora o tom e o vocabulário leibnizianos dessa reflexão de Schwab, note-se o emprego sinônimo de “germe” e “disposição”, par conceitual àquela altura comum à teoria do conhecimento e à embriologia. Em 1775 (sem que, com isso, ele se submetesse à distinção), Kant, no opúsculo *Sobre as Diferentes Raças dos Homens*, separa um e outro termos:

Os fundamentos de um determinado desenvolvimento, jazentes na natureza de um corpo orgânico (planta ou animal), quando esse desenvolvimento concerne a partes determinadas, [tais fundamentos] chamam-se germes (*Keime*); quando, porém, [esse desenvolvimento] concerne somente à grandeza ou à relação das partes umas com as outras, então eu nomeio [tais fundamentos] disposições naturais (*natürliche Anlagen*).<sup>68</sup>

Mas a identificação *formal* entre Kant e Leibniz a propósito do “*a-priori*” e do virtualmente-inato viria, entre outros, com Hans Vaihinger, que, em 1881 e 1922, ou na primeira e na segunda edições do seu *Comentário sobre a Crítica da Razão Pura*, afirma que “Kant procura (...), de acordo com a sua tendência universal à mediação (...), um caminho intermediário entre Descartes e Locke”<sup>69</sup>. Nesse sen-

(67) SCHWAB, J. C. “Sur la correspondance de nos idées avec les objets.” In: *Mémoires de l'Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres (1788-89)*. Berlin: Decker, 1793; p. 424. Disponível em: <<http://bibliothek.bbaw.de/bbaw/bibliothek-digital/digitalequellen/schriften/anzeige/index.html?band=05-mem/17881789&aufloesung:int=2&seite:int=490>>. Acesso em: 15 de setembro de 2008.

(68) Cf. KANT, VvRM, AA 02: 434. Cf., aqui, n. 43.

(69) VAHINGER, op. cit., p. 89.



tido, conclui ele, “o que Kant expõe (...) é no fundo a tese dos *Novos Ensaios* de Leibniz”<sup>70</sup>. Apontando o “aperfeiçoamento” da doutrina inatista por parte do filósofo, Vaihinger indica ainda o “parentesco (*Verwandschaft*)” que a seu ver ocorre entre “inato” e “*a priori*” na “Estética”, pelo que, de resto, ambos seriam, “no essencial (*im wesentlich*)”, “idênticos”<sup>71</sup>.

Já entre 1771 e 1798, porém, encontram-se testemunhos de alguns dos principais correspondentes de Kant, nos quais o “*a priori*”, atrelado ao “virtualmente-inato”, ratifica desde então o mesmo vetor interpretativo.

Com efeito, Markus Herz, em 1771, “visto os princípios da razão e espaço e tempo também não poderem provir da experiência”, considera que

remanesce somente o único caso de considerar espaço e tempo como conceitos tais que em verdade são inatos à alma, mas simplesmente como formas nela presentes, que são então completamente determinadas só quando aplicadas aos objetos do conhecimento sensível (...) <sup>72</sup>

Johannes Schulz, por sua vez, logo após a publicação da “Resposta” – ainda em 1790, portanto –, em novo capítulo da controvérsia com Eberhard e com os eberhardianos, afirmava:

(...) o fundamento da representação do espaço, segundo Kant, é meramente subjetivo e encontra-se (*liegt*), como ele provou, não nos limites da faculdade-de-representa-

---

(70) *Ibid.*, p. 90.

(71) *Ibid.*, p. 99-100.

(72) HERZ, M. *Betrachtungen aus der spekulativen Weltweisheit*, Königsberg 1771 (Neudruck hrsg., eingeleitet, mit Anmerkungen und Registern versehen von Elfriede Conrad, Heinrich P. Delfosse und Birgit Nehren (*Philosophische Bibliothek*, Bd. 424), Hamburg 1999); p. 34 *apud* OBERHAUSEN, *op. cit.*, p. 32, n. 5. Por outro lado, o próprio Kant, em carta, afirmaria: “(...) O conceito de espaço não permite [ser] e não pode ser pressuposto, pois conceitos não são inatos (*angeboren*), mas somente adquiridos (*erworben*).” (KANT, *Briefwechsel* (Br), AA 11: 82)

ção, mas unicamente na *constituição que nos é particular, inata da nossa capacidade-de-intuição (sondern lediglich in der uns angebornen besondern Beschaffenheit unserer Anschauungsfähigkeit)*.<sup>73</sup>

E, em carta de 20 de junho de 1797 a Kant, Jacob Sigismund Beck, reportando-se aos “repetidores (*Nachsprechern*)” da *Crítica*, dizia parecer-lhe “completamente sem sentido (*ganz sinnlos*)”, na “boca” do filósofo, aqueles “repetidores” falam de “conceitos *a priori*”, “(...) os quais [conceitos] (...) [eles] não queriam com Leibnitz chamar de inatos (*angeboren*), unicamente para depois mostrar e tornar atraente (*lediglich um nachher (...) auffallend zu machen und um zu zeigen*) a grande diferença entre a sua afirmação, que as categorias são conceitos *a priori*, e aquela de [conceitos] inatos (*und jener von angebohrnen*) (...)”.<sup>74</sup>

Por outro lado, reportando-se a Leibniz – “A alma contém originariamente os princípios de diferentes conceitos e conhecimentos, que os objetos externos só ocasionalmente despertam”<sup>75</sup> –, Georg Samuel Albert Mellin, no seu *Dicionário Enciclopédico da Filosofia Crítica*, publicado em seis volumes entre 1797 e 1804, comenta:

A essa passagem [*Stelle*] de Leibniz, sem dúvida refere-se aquela passagem [*Stelle*] [da *Crítica*] (C. 1): “Que todo o nosso conhecimento começa com a experiência, sobre isso não há nenhuma dúvida; pois, caso contrário, por onde deveria ser despertada para o

(73) “Johannes Schulz: Rezension von *Johann August Eberhard, Philosophisches Magazin, Jenaer Literaturzeitung* 1790, 281-284 (abgedruckt in Cassirers Kant-Ausgabe, Bd. VI (Berlin 1914, 73-117))”. Disponível em: <<http://www.ikp.uni-bonn.de/kant/bezug-kleinere/schulz.html>> Acesso em: 15 de setembro de 2008. Poucas linhas adiante, em prova do intercâmbio semântico entre “inato” e “originário”, lê-se: “(...) por meio dessa constituição originária da nossa capacidade-de-intuição é-nos dada a representação que temos a partir do espaço (Uns (...) ist durch diese ursprüngliche Beschaffenheit unserer Anschauungsfähigkeit die Vorstellung, die wir vom Raum haben (...) gegeben (...))”.

(74) KANT, Br, AA 12: 167. Não há, assim parece, resposta de Kant a essa carta de Beck.

(75) MELLIN, G. S. A. *Encyclopädisches Wörterbuch der kritischen Philosophie*. Bruxelles: Culture et Civilisation, 1968; v. 6, p. 800.

exercício a faculdade do conhecimento, tal não ocorresse pelos objetos que movimentam os nossos sentidos e em parte por si próprios efetuam representações” etc.<sup>76</sup>

Também Carl Christian Erhard Schmid, no seu *Dicionário para o Uso Facilitado das Obras Kantianas* (cuja primeira edição data de 1786), observa:

Manifesta e considerável é a concordância dessa teoria kantiana dos conhecimentos *a priori* com a doutrina leibniziana dos conceitos inatos, tal como encontrada o mais clara e completamente desenvolvida nos *Novos ensaios sobre o entendimento humano*.<sup>77</sup>

Do mesmo modo, Wilhelm Windelband. Reportando-se a uma “observação ocasional (*gelegentliche Anmerkung*)” de Friedrich Paulsen (na sua obra *Ensaio de uma História do Desenvolvimento da Teoria Kantiana do Conhecimento (Versuch einer Entwicklungsgeschichte der Kantischen Erkenntnistheorie)*, publicada em 1875) a propósito do parentesco entre a “Dissertação” e os *Novos Ensaios*, Windelband comenta: “(...) ele [Paulsen] deveria ter dito que o pensamento fundamental de ambas as obras é exatamente igual. Ele é o mesmo (...)”<sup>78</sup>.

Longe de tratar-se de parentesco cujo destaque fosse ocasional e restrito a uma contemporaneidade fiel ao autor da *Monadologie* (a lembrança do leibniziano Johann August Eberhard, por exemplo, ampliaria essa falsa impressão), a recorrência a um “inato” (re)proposto na primeira *Crítica* acompanha a história do pensamento kantiano ao longo de todo o século XIX, também na França, por exemplo, onde a presença de Kant ocorre pela primeira vez por volta de 1788, embora com

---

(76) *Ibid.*, p. 800.

(77) SCHMID, C. C. E. *Wörterbuch zum leichtern Gebrauch der Kantischen Schriften*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976; p. 11.

(78) WINDELBAND, W. “Über die verschiedenen Phasen der Kantischen Lehre vom Ding-an-sich”. Disponível em: <[http://www.ac-nancy-metz.fr/enseign/philo/textesph/Windelband\\_Ding\\_ansich.rtf](http://www.ac-nancy-metz.fr/enseign/philo/textesph/Windelband_Ding_ansich.rtf)>. Acesso em: 15 de setembro de 2008.

textos somente escritos em francês, mas produzidos e publicados na Alemanha (no âmbito da *Académie Royale des Sciences et des Belles-Lettres*) ou na Suíça<sup>79</sup>. Seria preciso aguardar um pouco mais, Benjamin Constant em 1797, Charles de Villers em 1801<sup>80</sup> (e a polêmica em torno do seu *Philosophie de Kant ou Principes fondamentaux de la philosophie transcendantale*), para enfim conhecerem-se as primeiras representações da nova filosofia alemã na França, agora por franceses<sup>81</sup>. Em todas essas primeiras abordagens, de um lado e de outro do Reno, pois, a filosofia crítica será julgada a partir do cânone em vigor, racionalista ou empirista.<sup>82</sup>

As afirmações de Kant sobre o "*a-priori*" não tendo parecido bastante esclarecedoras para os seus contemporâneos, tampouco assim se apresentaram, desde fins do século XIX, a vários outros leitores. A suspeita de parentesco entre "inato" e "*a-priori*" carrou consideráveis dificuldades à exegese do criticismo e à interpretação do seu legado por parte de pós-kantianos<sup>83</sup>, neokantianos<sup>84</sup>, psicofísicos<sup>85</sup>. Uma das razões para

---

(79) Cf. AZOUVI, F., BOUREL, D. *De Königsberg à Paris. La réception de Kant en France (1788-1804)*. Paris: J. Vrin, 1991; p. 19 e seguintes.

(80) Cf. *ibid.*, p. 95-7.

(81) Cf. *ibid.*, p.113.

(82) Cf. *ibid.*, p. 113-4

(83) Nesse caso com pertinência, Johann Friedrich Fries reprova a compreensão de Friedrich Eduard Beneke acerca do "*a priori*" kantiano: "[Benecke] não compreende de modo nenhum a expressão de Kant 'conhecimento puro *a priori*'. Toma-a por um conceito genético daquilo que devemos conhecer anteriormente a qualquer experiência, e então afirma, com razão, que a faculdade humana cognoscitiva, em sentido rigoroso, não dispõe de modo nenhum de tais conhecimentos. Mas os conhecimentos puros *a priori* de Kant não têm validade nem antes nem depois da experiência, mas, ao contrário, na experiência, não todavia por força da percepção e da observação. As verdades necessárias não surgem de modo nenhum no espírito humano em sentido temporal, mas têm validade em relação ao conhecimento em geral e estão originariamente radicadas na faculdade cognoscitiva do homem. A expressão kantiana '*a priori*' não se refere de modo nenhum subjetivamente ao início das nossas representações, mas, ao contrário, designa um tipo de conhecimento que permite conhecer as determinações de um objeto sem que elas tenham sido precedentemente observadas. Assim, as leis da geometria têm validade pura *a priori*, não só sobre a nossa terra, mas em todos os espaços celestes; não só hoje ou amanhã, mas em absoluto, sem nenhuma

tanto estará na incômoda miscigenação de ambos – só literária ou também conceitual –, praticada pelo filósofo. Tal o juízo de Rudolf Eisler: “O *a priori* (...) nada tem a ver em e por si (*an und für sich*) com o ‘inato’; aquele é lógico, esse psicofísico. Kant, porém, põe às vezes ambos os conceitos em relação entre si.”<sup>86</sup>

Bem mais à frente, Roger Verneaux, na sua *Critique de la Critique de la raison pure de Kant*<sup>87</sup>, ainda que de forma algo superficial e nem por isso menos

consideração pelo decorrer do tempo (cf. FRIES, J. F. *Die Geschichte der Philosophie dargestellt nach den Fortschritten ihrer wissenschaftlichen Entwicklung*, 2 Bde., Halle 1837-1840: II. Bd., p. 514 *apud* BIANCO, B. “Crítico e psicologismo: Note sul problema kantiano-friesiano”. In: MICHELI, G.; SANTINELLO, G. (ed.) *Kant a due secoli dalla Critica*. Brescia: La Scuola, 1984; p. 199).

(84) Cf. ZELLER, E. “Über Bedeutung und Aufgabe der Erkenntnistheorie”. In: id., *Vorträge und Abhandlungen*. Leipzig: Reiland, 1877; p. 492: “(...) em todas as nossas representações há um elemento subjetivo, de forma que as coisas nas mesmas apresentam-se-nos sempre só tal como as formas de intuição e de pensamento inatas a nós (*die uns angeborenen Anschauungs- und Denkformen*) as trazem consigo (...)”.

(85) Cf. WUNDT, W. “Mission de la philosophie dans le temps présent”. In: *Revue philosophique de la France et de l'étranger*; 1, 1, (1876): 117-9: “En démontrant que l'espace et le temps sont les conditions subjectives de notre intuition, Kant n'a pas déterminé d'où vient le contenu, ou, selon sa propre expression, la matière de la sensation. Kant a montré que l'espace et le temps ne sont que des formes de notre intuition venant de nous, et il n'a pas examiné comment elles naissent en nous. Le problème relatif à la théorie de la connaissance, que soulève l'intuition, Kant l'a résolu; mais il n'en est pas ainsi du problème psychologique, également contenu dans l'intuition. (...) Il en est de même de la connaissance par les concepts. Kant a montré que partout nous mettons nos concepts dans les choses. Mais il n'a pas répondu à la question: si les concepts fondamentaux de l'intelligence, les idées de cause, de substance, de qualité, de quantité, etc., sont innées ou si elles sont produites psychologiquement. Peut-être les a-t-il regardées comme innées. (...) L'expérience psychologique émettra peut-être l'opinion que nous portons toutes ces idées générales en nous en quelque façon virtuellement, c'est-à-dire en tant que nous sommes des êtres pensants, mais qu'elles ont besoin de se développer de nouveau en nous psychologiquement, absolument comme les perceptions du temps et de l'espace. (...) La découverte de Kant consiste donc purement en une théorie de la connaissance. Il n'a pas touché aux questions psychologiques qui s'y rattachent.”

(86) EISLER, R. *Wörterbuch der philosophischen Begriffe* (1804). Disponível em: <<http://www.textlog.de/1403.html>> Acesso em: 15 de setembro de 2008.

(87) VERNEAUX, R. *Critique de la Critique de la raison pure de Kant* (CrCr). Paris: Aubier, 1972. Cf.

concludente, mantida a ascendência preferencial (Kant "(...) *est leibnizien, purement et simplement*"<sup>88</sup>), chama a atenção para o fato de que "ninguém jamais sustentou" a "teoria do inatismo atual", ainda que ela tenha sido atribuída especialmente a Descartes<sup>89</sup>.

Diferentes entre si, esses pareceres e referências lembrados têm mesmo assim em comum, quer a insuficiência de dados (e, pois, a da análise), quer a identificação entre Kant e Leibniz, tanto mais convincente quanto mais topicamente enfocarse a questão do "inato" em ambos, ou seja, à medida em que ela não levar em conta os panoramas filosóficos de um e outro. Do ponto de vista textual, o problema será desprezar ou desconhecer a ambigüidade do "inato" em Kant, ora empregue em significado positivo, ora em negativo. Nesse caso, a avaliação de Hißmann, por superficial que seja, tem ao menos o mérito de propor a distinção – com a qual, lembre-se, concordava expressamente o filósofo – entre o inatismo platônico-cartesiano, de um lado, e, de outro, o leibniziano.

Sem propriamente ocupar-me com dirimir a questão sobre o *leibnizianismo* de Kant no tocante à origem das *Anschauungsformen*, somente, ou também com respeito à das *Gedankenformen*, ou sobre a *leibnizianidade* do "a-priori" kantiano, procurarei a seguir, no âmbito da filosofia teórica, distinguir e avaliar dois significados gerais de "inato": um, que, reputado nocivo, é alvo de crítica; outro, que, sem maior consideração, é empregue positivamente.

---

id., *Le vocabulaire de Kant*. Paris: Aubier, 1973. Nesse último caso, em particular, as considerações de Verneaux são demasiado ligeiras; por exemplo: a respeito da "*innéité des formes*", e, ainda mais, acerca do "*divers a priori*" (cf. *ibid.*, p. 194-197).

(88) *Id.*, *CrCr*, p. 108. Cf. *ibid.*: "[Kant] *reprend à son compte, sous le nom nouveau d' "acquisition originnaire", la théorie de l'innéité virtuelle des idées.*"

(89) *Ibid.* O hoje obscuro Pierre Laromiguière, nos alvares do Oitocentos francês, já apontara (não por amor à exatidão hermenêutica, mas por interesse filosófico declarado) o engano dessa mesma atribuição; cf. LAROMIGUIÈRE, P. *Leçons de Philosophie*. Paris: Fournier, 1844; p. 253-256 (a "Nona lição" da segunda parte do seu curso tem justamente por título: "*Des idées innées*").

### 3. OS PÓLOS DO CONCEITO

Não tendo estatuto sistemático, o “inato” é, porém, já bastante relevante, dado o conceito a ele em aparência contraposto – o “*a-priori*” –, em verdade não se lhe contrapor, mas o substituir. Trata-se, pois, de compreender um processo no qual a expressão é substituída, mas a sua *significação*, em contrapartida, somente modulada.

O filósofo, opondo-se a “inato”, não se reporta ao mero qualificativo, ao que estampe o seu valor de face (caso no qual, em verdade, ele pouco se distinguiria de “*a-priori*”), mas a um sentido historicamente datado e conceitualmente preciso que se lhe encontra adstrito. Sem lugar definido na pauta da filosofia transcendental, o “inato”, carente de luz própria, brilha por empréstimo, e o “*a-priori*”, devendo ultrapassá-lo, repõe-no em jogo.

Um dos rótulos do pensamento de Kant, o “*a-priori*” será um conceito escolhido por cautela, pelo qual o filósofo terá optado em face do comprometimento metafísico-dogmático ou pelo menos diante da ambigüidade conceitual do “inato”. Nesse sentido, será de antemão incorreto postular uma completa univocidade entre “inato” e “*a-priori*”, dada a polissemia do primeiro, fato desde logo comprovado pelo filósofo, que emprega equivocadamente um feixe conceitual, cujos componentes, próximos entre si, estão empenhados com opções doutrinárias repudiadas firmemente por ele.<sup>90</sup>

Ao contrário do que se poderia inicialmente supor, o “inato” não se restringe ao âmbito teórico – no qual é principalmente enfocada a sua *significação* negativa –, mas, acompanhando o “*a-priori*”, alcança as demais esferas de reflexão do filósofo-

---

(90) Refiro-me em especial a “*Keim*” / “*Keime*” / “*Keimen*”, “*Anlage*” / “*Anlagen*”, “*angeboren*” / “*angeboren*” / “*angebohrt*” / “*eingeboren*” / “*eingeborne*”, “*ungebohrt*”. Tais opções, são: com relação à teoria do conhecimento, o inatismo; com respeito à questão do surgimento e desenvolvimento dos corpos organizados, o pré-formismo.

(91) Não lhes sendo ausente, o “*a priori*” pouco aparece nas obras e nos demais escritos do período pré-crítico.

(92) KANT, *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen*, AA 02: 229.

fo, nas quais, em contrapartida, destaca-se sobremaneira o seu significado positivo. Da mesma forma (e, agora, diferentemente do "a-priori"<sup>91</sup>), ele tampouco limita-se a um determinado período da produção de Kant, mas permeia o inteiro arco dos seus escritos.

Considerando-se as *Werke*, de fato, o "inato" é citado já desde as *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime*, em 1764, texto no qual Kant afirma que "a mulher tem um sentimento inato e forte (*ein angebornes stärkeres Gefühl*) para tudo o que é belo, delicado e adornado."<sup>92</sup> Especialmente significativo, porém, será notar que as obras nas quais mais vezes o "inato" comparece de modo assertórico – como na passagem apenas citada – pertencem todas ao último período de produção do filósofo: *A Religião nos Limites da Simples Razão*, *A Metafísica dos Costumes* e a *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*.<sup>93</sup>

Empregue de maneira ambígua pelo filósofo, a expressão, ora repudiada - e então designando um tipo de conhecimento não engendrado pelo homem, mas nele introduzido - , ora aceita - e então qualificando representações e conceitos, que, também não engendrados pelo homem, são, porém, naturais a ele<sup>94</sup> -, o "inato", além do mais, é termo corrente no vocabulário filosófico do período moderno, no qual tem muito maior relevo do que o "a-priori". Diante da sua ausência na *Crítica* e do fato de que lá onde poderia estar encontra-se agora o "a-priori", tornou-se mais do que provável ele passar por redivivo, os intérpretes tomarem alhos por bugalhos.

Mas a dupla referência a um não-engendrado *introduzido* e a um não-engendrado *natural* encontrará, talvez, origem próxima em Baumgarten, cuja *Metafísica* promove uma distinção terminológica e conceitual com a qual ela parece ajustar-se:

---

(93) Para o caso da *Antropologia*, porém, dever-se-á ter presente não somente as datas das suas duas primeiras edições (1798 e 1800), mas o fato de que a obra em verdade resulta das *Vorlesungen* ministradas entre o semestre invernal de 1772/1773 e o de 1795/1796.

(94) Do ponto de vista filológico, a qualificação do primeiro tipo de conhecimento pareceria requerer o vocábulo "anerschaffen", ao passo que a do segundo, "angeboren".



Sendo os hábitos os graus superiores das faculdades da alma e sendo o exercício \*) a repetição freqüente de ações homogêneas ou de ações semelhantes quanto à diferença específica, os hábitos da alma desenvolvem-se pelo exercício. Os hábitos da alma não dependentes do exercício são, porém, naturais ou nascidos com ela \*\*) (disposições naturais); os que dependem do exercício são adquiridos \*\*\*); os sobrenaturais são infundidos \*\*\*\*); os hábitos das faculdades cognoscitivas chamam-se teoréticos. \*) Exercício (*Übung*) \*\*) Inatos (*angeborene*). \*\*\*) Adquiridos (*erworbene*). \*\*\*\*) hábitos divinos da alma (*göttliche Fertigkeiten der Seele*).<sup>95</sup>

A fim de que o não-engendramento das formas-de-intuição e das formas-de-pensamento não simulasse algum tipo de retorno a um inatismo *infunditivo*, Kant evocará uma “aquisição originária” dessas representações elementares, pela qual, em verdade, o sujeito adquire o que nele já se encontra, o qual, porém, não fora assim jamais obtido (donde, pois, a *originalidade* aquisitiva), não tendo nunca figurado na condição de referência para o conhecimento de um “objeto dado”. Com isso, a coisa originariamente adquirida pelo sujeito corresponder ao que nele já se encontra não pode significar ela seja o objeto da simples passagem de um estado de não-consciência ou semi-consciência ao de consciência ou consciência plena, pois a

---

(95) BAUMGARTEN, A. G. *Metaphysica*. In: KANT, GS, AA 15: 23. A tradução da parte latina do presente texto é devida a Leonel Ribeiro dos Santos, a quem agradeço. Por outro lado, na “Introdução” d’*A Metafísica dos Costumes* encontra-se a expressão “hábito racional adquirido”, que, assim parece, servirá de contraponto a “hábitos divinos da alma”, proposta por Baumgarten na passagem em causa como uma espécie de perífrase que corresponda em alemão aos hábitos sobrenaturais “infundidos”: “(...) o arbítrio humano é tal que é em verdade afetado pelos estímulos, mas não [por eles] determinado, e, portanto, não é por si puro (sem hábito racional adquirido (*ohne erworbene Fertigkeit der Vernunft*)), mas pode ser determinado às ações a partir da vontade pura.” (KANT, *Die Metaphysik der Sitten* (MS), AA 06: 213). No espólio manuscrito do filósofo, na reflexão de n. 480, na qual o filósofo tem em vista esse mesmo § 577 da *Metafísica* de Baumgarten, lê-se: “Habilitado (*Geschickt*) e pronto (*fertig*) por meio do natural (*Naturel*) ou [do] exercício (*Übung*). Habilidade natural (*Natürlich Geschik*). Dom-natural (*Naturgabe*). Capacidade-natural (*Mutterwitz*) e capacidade-escolástica (*Schulwitz*). Aquela, nativa (*ienes Naiv*). Capacidade decaída em escolas (*Witz verdirbt in Schulen*)” (id., Refl, AA 15: 203).

conscientização dá-se obrigatoriamente no tempo, no tempo a ser *ainda* originariamente obtido por meio de tal aquisição.

Mas, já na “Dissertação de 1770”, ao examinar se tempo e espaço serão, justamente, “inatos” ou “adquiridos”, a análise do filósofo, reveladora, logo dissolve a dicotomia da qual partiu, empregando um tom de certa indiferença para com o próprio debate. A mesma passagem é também significativa pelo fato de os seus termos distintivos – “inato” e “adquirido” – verem-se desconstruídos pelo emprego confluyente de ambos. Em razão disso, a primeira das duas obras nas quais o filósofo mais enfoca o “inato” (a outra sendo a “Resposta”) não só não permite apreender-lhe os traços distintivos, como ainda, por conseguinte, enseja a (futura) confusão entre ele e o “*a-priori*”:

Surge, por fim, quase espontaneamente, a questão de saber se ambos os conceitos são inatos ou se são adquiridos. A segunda hipótese parece estar já verdadeiramente refutada pelas demonstrações feitas; mas a primeira não deve ser admitida tão inconsideradamente, uma vez que ela aplanava o caminho à filosofia dos preguiçosos, a qual, mediante a invocação de uma causa primeira, declara inútil qualquer ulterior indagação. Na verdade, o conceito de ambos é, sem qualquer dúvida, adquirido; não certamente abstraído a partir da sensação dos objectos (...), mas sim a partir da própria acção da mente que coordena as suas sensações segundo leis permanentes, como um tipo imutável, e, por isso, deve ser conhecido intuitivamente. Com efeito, as sensações despertam este acto da mente, mas não intervêm na intuição, nem existe aqui outra coisa inata a não ser a lei do espírito (...)<sup>96</sup>

Ao lado desse viés indiferentista-desconstrucionista, o fragmento recorda a “filosofia dos preguiçosos”, a mesma “*ignava ratio*” depois referida na *Razão Pura*<sup>97</sup> e antes mencionada n’O Único Argumento Possível para uma Demonstração da Exis-

(96) KANT, “Dissertação”, p. 67-68.

(97) Id., KrV, B 717.

tência de Deus<sup>98</sup>, e que levaria a uma sorte de inércia em matéria de conhecimento, pois, o que quer que se fizesse ou se deixasse de fazer, em nada alteraria o inevitável lastro intelectual de antemão existente em cada um.<sup>99</sup> Não agora, diretamente, idéias e princípios inatos, mas – como na famosa carta a Herz, na qual é imputada a Crusius – a “harmonia intelectual preestabelecida”, ademais do “influxo hiperfísico”, denominação que abarcará Platão e Malebranche:

Platão aceitou uma antiga intuição espiritual da divindade para fonte original dos conceitos e princípios puros do entendimento. Malebranche, uma intuição duradoura e persistente deste ser original. Vários moralistas aceitaram precisamente isto a respeito das primeiras leis morais. Crusius aceitou certas regras implantadas para julgar e conceitos que Deus implantou na alma humana já tal como deviam ser para que se harmonizassem com as coisas; de tais sistemas poderia nomear os primeiros, *influxus hyperphysicus*, o último, porém, *harmonia praestabilita intellectualis*. Só que o *Deus ex Machina* é, na determinação da origem e da validade dos nossos conhecimentos, aquilo que de mais absurdo se pode escolher e tem, para lá do círculo vicioso na série das conclusões dos nossos conhecimentos, ainda a desvantagem de dar incentivo a todo o capricho ou quimera piedosa ou extravagante.<sup>100</sup>

No espólio manuscrito do filósofo, por outro lado, percebe-se que o “inato” é tematizado em várias reflexões. A propósito do que nelas é dito, valerá considerar parte de algumas.

É assim que, na de n. 1518, Kant afirma: “(...) ( [O] caráter não é inato (*angeborenen*), é livremente adquirido (*frei erworben*). (...) A disposição-natural (*Naturanlage*)

---

(98) Id., *Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes*, AA 02: 121: “O célebre exemplo de Newton não pode (...) servir de pretexto à confiança preguiçosa para despender um recurso precipitado em favor de um aparato imediato divino para um esclarecimento conforme o gosto filosófico”.

(99) Recordar-se-ão as críticas de Leibniz à “*raison paresseuse*” e ao “*fatum mahometanum*”; cf. LEIBNIZ, *Essais de théodicée*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969; p. 30.

(100) KANT, “Carta a Herz”, p. 133-134.

é o *Fonds*, provisão (*Grundstück*). Capital (*Capital*).<sup>101</sup> Já na de n. 1495, lê-se: “(...) Em consideração ao caráter, muito pode ser adquirido (*erworben*). Ele não é inato (*angeboren*) (embora natural (*natürlich*)), ou seja, ele procede do ânimo (*Gemüth*) e do coração. (...)”<sup>102</sup> Na de n. 4851, por sua vez:

(...) A doutrina de *ideis connatis* leva à exaltação. *acquisitae* são *acquisitae a priori* ou *acquisitae a posteriori*; aquelas não são sempre intelectuais (*jene sind nicht immer intellectuell*). A divisão do conhecimento em sensitivo e intelectual (*in sensitive und intellectuelle*) não é, pois, a primeira [divisão], mas [o é], sim, [a divisão do conhecimento] em [conhecimentos] *a priori* ou *a posteriori*. Os primeiros, ou sensíveis (*simlich*) ou intelectuais. (...)<sup>103</sup>

A respeito da crítica ao “inato” nas *Reflexionen*, observa-se, ainda, que um mesmo elenco de autores é quase sempre citado em conjunto: Platão, Aristóteles, Malebranche, Locke. Havendo também referências a Christian August Crusius e Johann Heinrich Lambert, algumas a Johann Nicolas Tetens<sup>104</sup>, quase nenhuma há, porém, a Leibniz. Uma das exceções encontra-se em passagem da reflexão de n. 4893, na qual, com efeito, lê-se:

---

(101) Id., Refl, AA 15: 868. – Observar-se-á a ocorrência da expressão “*frey erworben*”, que, assim parece, vale no presente contexto como expressão sinônima de “*ursprüngliche Erwerbung*”.

(102) Ibid., p. 759.

(103) Ibid., AA 18: 08.

(104) A polêmica do inatismo já fora criticada por Tetens em 1777; cf. TETENS, J. N. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung*. Hildesheim: Georg Olms, 1979; v. I, p. 338: “*Es war offenbar ein Mißverstand zwischen ihm [Leibnitz], und zwischen Locken, wie, zwar nicht alles, aber doch das meiste war, was in ihrem Streit über die angeborenen Ideen zum Grunde lag, und eben so verhielt es sich in dem Streit des Locke mit dem des Cartes.*” Já sobre Tetens, Lambert e a especificidade das investigações de cada um, Kant assim se pronuncia na reflexão de n. 4900: cf. KANT, Refl, AA 18: 23: “Eu não me ocupo com a evolução (*Evolution*) dos conceitos, como Tetens (todas as ações através das quais os conceitos são produzidos), nem com a análise [deles], como Lambert, mas simplesmente com a validade objetiva dos mesmos. (...)”

Locke, um influxionista, ao mesmo tempo um fisiólogo da razão. Lambert, um analista e arquitetonico; Wolff, um mero dogmático e uma mente (*Kopf*) matemática; Crusius, um prestabilista da razão. [...] 1. diferença entre o *phaenomenorum* e o *Noumenorum*. 2. origem deste último. Inato, místico; ou adquirido, lógico. Platão, Leibniz. Aristóteles, Locke.<sup>105</sup>

Há, por fim, a longa reflexão n. 5637, da qual, para o objetivo em pauta, valerá reter ao menos duas passagens:

“(...) A razão (...) supõe (*supponirt*) que as nossas experiências e também o nosso conhecimento caminham *a priori* imediatamente para os objetos e não primeiramente para as condições subjetivas da sensibilidade e da apercepção, por meio delas a objetos conhecidos, que unicamente por seu intermédio são representados. Ela empreende, pois, diferentes caminhos. 1. o caminho empírico e [a] universalidade por meio da indução. 2 o [caminho] fanático (*fanatischen*) da intuição por meio do entendi-

---

(105) KANT, Refl, AA 18: 21. A respeito de uma suposta distinção entre “inato” (que poderia ser reportado a Leibniz e Crusius) e “místico” (a Platão), distinção empregue na presente reflexão, pode-se encontrar o mesmo na reflexão de n. 4866 (id., Refl, AA 18: 14), por exemplo – “Crusius (...) *nahm angebohrne Grundsetze an (obgleich nicht platonische ideen)*” –, embora a de n. 4894 (ibid., p. 22) já não o permita: “(...) *Die intellectualia des Plato waren angebohren, weil sie intuitus sind (...)*”. – No presente contexto, a palavra “*Kopf*” parecerá mais bem traduzida por “mente”, não por “cabeça”, ainda que, em português, como referência ao talento particular de alguém para o cultivo dessa ciência, possa dizer-se “cabeça matemática”. Em outro contexto, “tino” parecerá melhor verter o mesmo termo alemão; cf. ibid., AA 15: 824. Com relação a “*praestabilist*” (“*prästablist*” – e também com relação a “*Prästabilism*”), o dicionário Grimm nada indica. O Duden (cf. Duden - *Das große Fremdwörterbuch: Herkunft und Bedeutung der Fremdwörter*. Mannheim: Dudenverlag, 2003), por sua vez, assinala, para “*Prästabilist*”: “*Anhänger des Prästablistimus*”, e, para “*Prästabilismus*”: “*Glaube an eine von Gott getroffene Vorherbestimmung*.” Kant parece não empregar em nenhuma outra oportunidade o mesmo termo (“*praestabilist*” – ou “*prästablist*”, que, parece, jamais empregou), embora, na reflexão de n. 5987, valha-se do termo latino “*praestabilismus*”: “*Daß occasionalismus und praestabilismus ein idealismus sey*.” (KANT, Refl, AA 18: 416) Para o significado de “*Prästabilism*” em Kant, cf.: id., KU, AA 05: 422-423 (cf. MARQUES, “Kant e a epigênese: a propósito do inato”. In: *Scientiae Studia* (USP), 5 (2008): 460-461). Em português, por fim, no *Aurélio* ou no *Houaiss*, nem “prestabilista” nem “prestabilismo” estão contemplados.

mento. 3. o [caminho] da pré-determinação por meio de conceitos inatos (*angebörne Begriffe*). 4. a *qualitas occulta* do são entendimento, que não dá nenhuma justificação (*Rechenschaft*). (...)”<sup>106</sup>

“(…) O sistema lógico dos conhecimentos intelectuais é (...) ou o empírico ou o transcendental. O primeiro, de Aristóteles e Locke; o segundo, ou o da epigênese ou o da involução (*Epigenesis oder der Involution (sic)*); adquirido ou inato (*erworben oder angeboren*). (...)”<sup>107</sup>

Observar-se-á, para todas as passagens dessas reflexões, que as ocorrências de “inato” expressam-no sempre em sentido negativo, qual forma de representação a ser denunciada, quer com respeito à razão prática, quer com respeito à razão especulativa. A primeira e a última, conforme a datação proposta por Adickes (entre aproximadamente 1780 e 1791 e entre aproximadamente 1780 e 1789, respectivamente), teriam sido redigidas num período entre pouco antes da primeira edição da *Razão Pura* e pouco depois da primeira edição da terceira *Crítica*, e, pois, em face de resultados já obtidos e firmados. Isso bem mostra, que: 1) a presença do “inato” – já no período pré-crítico – não está circunscrita à razão especulativa (como poderia parecer pelos dois textos nos quais o filósofo mais debruçou-se sobre ele, a “Dissertação de 1770” e a “Resposta a Eberhard”); 2) o “inato” é ainda objeto de considerações críticas nos anos 1780 (desconsiderada a “Resposta”, de 1790, que ela teria sido instigada pelos ataques de Eberhard e dos eberhardianos), sem que tais reservas impeçam o filósofo de empregar positivamente, em obras

---

(106) KANT, Refl, AA 18: 272.

(107) *Ibid.*, p. 275. – Uma indicação de Kant nos “trabalhos preparatórios” (*Vorarbeiten*) para o texto d’*A Religião nos Limites da Simples Razão* parece associar “involução” (*Involution*) à expressão latina “*in ovis*” (cf. *id.*, *Vorarbeiten zur Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*, AA 23: 106). Correta ou não, a etimologia proposta fornece ao menos a razão pela qual, no sistema das pré-formações individuais, a “teoria-da-evolução” (*Evolutionstheorie*) pode ser também chamada “teoria-da-involução” (*Involutionstheorie*), o que, em princípio, pareceria um despropósito (cf. *id.*, KU, AA 05: 423).

da sua última fase intelectual (entre 1793 e 1798 – descontado, pois, o *Opus postumum*<sup>108</sup>), o mesmo termo por elas rechaçado.

Bem à frente, n' *A Religião nos Limites da Simples Razão*, diferentemente do ocorrido noutros textos, o emprego de “inato” é, em certas passagens, justificado e limitado, o que lançará alguma luz sobre o significado positivo do conceito:

(...) o bem ou o mal no homem (como o primeiro fundamento subjetivo da admissão dessa ou daquela máxima com vistas à lei moral) chama-se inato simplesmente no sentido em que ele encontra-se subjacente antes de todo o uso dado da liberdade na experiência (da mais tenra juventude ao nascimento), e, assim, é representado como imediatamente presente no homem com o nascimento [*mit der Geburt*], [mas] não que o nascimento seja a causa dele.<sup>109</sup>

Ter por natureza uma ou outra intenção como constituição inata também não significa aqui que ela não seja de modo nenhum adquirida pelo homem que a possui, isto é, [também não significa aqui] que ele não seja [o seu] autor, mas que ela só não é adquirida no tempo (...).<sup>110</sup>

“(...) Mesmo essa [a felicidade] é, segundo a nossa natureza (se se quiser nomear assim em geral o que nos é inato) (...)”<sup>111</sup>.

No primeiro dos fragmentos recordados, o “inato” vale como fundamento subjetivo. Ainda que a sua representação esteja ligada ao nascimento do homem, nem por isso ela indicará uma origem empírica. Nessa acepção (e com alguma paradoxalidade), ele será pura e simplesmente sinônimo de “*a-priori*” – um “(...) conhecimento independente da experiência e mesmo de todas as im-

---

(108) Cf., aqui, n. 39.

(109) KANT, RGV, AA 06: 22.

(110) *Ibid.*, p. 25.

(111) *Ibid.*, p. 45. Essa mesma passagem já fora citada acima, quando da justificação para a tradução

pressões dos sentidos (...)”<sup>112</sup> –, pertencendo assim ao gênero dos conhecimentos “que não são de forma nenhuma adquiridos pelos sentidos, mas têm o seu fundamento na natureza constante da capacidade pensante da alma e podem ser nomeados representações puras”.<sup>113</sup> Já no segundo texto, no qual parece evocar a “aquisição originária” (operação de apoderamento das representações elementares, assim metaforicamente nomeada desde a “Resposta a Eberhard”), o “inato” será imputado ao homem, o seu autor. Nesse sentido, adquirir originariamente será eu próprio dar-me a posse do que nunca antes fora possuído. Tal como se lê no § 10 da “Doutrina do Direito”: “Adquiro algo quando faço (*efficio*) que algo se torne meu.”<sup>114</sup> Faz-se meu, portanto, o que é, por mim, tornado meu. Esse mesmo fragmento – que emprega “inato” e “por natureza” em duas orações interligadas, com ambos podendo valer como sinônimos –, ao rechaçar a aquisição temporal, psicológica, evocando a “originária”, permite concluir que esta última é então atemporal. Se no mesmo período não houvesse a ênfase na autoria humana dessa aquisição, seríamos tentados a fazê-la convergir para uma forma maldisfarçada de inatismo radical. Não sendo o caso, a aquisição em pauta, sem indicar um patrocínio transcendente, aludiria ao fato de tempo (e espaço) – também objetos de uma “aquisição originária” – não terem sido ainda adquiridos. Será de resto visível, em ambos esses trechos, o cuidado de Kant com o sentido de “inato”, depurando-o de qualquer vínculo suspeito. No primeiro caso, limitando-o à mera anterioridade no homem, por alusão à experiência; no segundo, tendo-o como produto da autoria humana.

---

de “*anerschaffen*” por “inculcado” (e não, por exemplo, por “natural”), por conter uma identificação entre “natural” e “inato”; cf., aqui, n. 24.

(112) Id., KrV, B 2.

(113) Id., Refl, AA 17: 364.

(114) Id., MS, AA 06: 258. – As passagens aqui recordadas da *Religião* e da *Metafísica dos Costumes* servem somente ao propósito de, respectivamente, clarear os conceitos de “*a-priori*” e de “aquisição originária”, *vis-à-vis* o “inato”.



No terceiro fragmento, enfim, ocorrerá uma desdivinização do “inato”, e, no mesmo passo, uma como que humanização do mesmo, pois ele será, agora, o que nos for natural, o que for parte da natureza *humana*.<sup>115</sup>

A “aquisição originária”, porventura presente na segunda das passagens acima recordadas da *Religião*, mais do que a um conceito cuja origem é alheia (tomado de empréstimo ao Direito), remete aos elementos até então inconciliáveis do “inato” (“(aquisição) **originária**”) e do “adquirido” (“**aquisição** (originária)”), num perfeito exemplo de oxímoro. Remeterá também, em especial, a um *Grund* inato, assim nomeado na “Resposta”, do qual provirá, justamente, a originalidade dessa operação. A respeito dessa passagem da “Resposta”, porém, Vaihinger nota com pertinência que ela “é uma resposta à questão de Eberhard no *Philosophisches Magazin*, I, 387-391”, na qual, com efeito, assim se lia:

Qual o fundamento da efetividade do nosso conhecimento racional ou do nosso conhecimento *a priori*? Kant não respondeu de modo nenhum a essa questão. Se ele admite que as próprias formas de intuição sejam originariamente inculcadas (*ursprünglich anerschaffen*), então ele representa-se com isso uma *qualitas occulta*. Mas se ele admite – e tal é bem a sua opinião autêntica – que somente os seus fundamentos sejam inatos (*angeboren*), então no essencial isso é idêntico à doutrina leibniziana.<sup>116</sup>

---

(115) Haverá muito o que se diga sobre os significados de “natureza” (“*Natur*”; “*Naturel*” / “*Naturrell*”) em Kant. Não sendo o caso de aqui abordar uma tal questão, vale somente registrar que, a propósito da definição de “gênio” na terceira *Crítica* – “(...) gênio é a inata disposição-de-ânimo (*ingenium*) pela qual a natureza (*Natur*) dá a regra à arte.” –, “natureza”, aí, será a natureza do sujeito; cf. id., KU, AA 05: 344: “(...) pode-se explicar o **gênio** também por meio da faculdade das idéias estéticas, pelo que é ao mesmo tempo indicado por que nos produtos do gênio a natureza (do sujeito) (*die Natur (des Subjects)*), não um fim refletido, dá a regra à arte (à produção do belo)”; id., Anth, AA 07: 225-226.

(116) EBERHARD, J. A. *Philosophisches Magazin*, I, 387-391 *apud* VAIHINGER, op. cit., v. 2, p. 91, n. 1. Cf. BONIN, A. “La controverse entre Emmanuel Kant et Johann August Eberhard. Du point de vue d’Eberhard”. Disponível em: <<http://chspm.univ-paris1.fr/transophie/philosophe/kantEberhard.html>> Acesso em: 15 de setembro de 2008. Segundo o autor, se Kant afinal replicou foi por

A resposta de Kant no *Streitschrift*, ainda que ocasionada pelo seu oponente, conterà, não obstante, a principal referência do filósofo, no âmbito da razão teórica, a propósito do significado admitido de “inato”:

A Crítica não aceita, em absoluto, representações inculcadas (*anerschaffen*) ou inatas (*angeboren*). Pertencam à intuição ou aos conceitos do entendimento, ela as considera todas como adquiridas. Mas há também uma aquisição originária (tal como se expressam os mestres do direito natural), conseqüentemente, [uma aquisição] também daquilo que antes não existia ainda de modo nenhum, por conseguinte, que não pertencia a coisa nenhuma antes dessa ação. Tal é, como afirma a Crítica, primeiramente a forma das coisas no espaço e no tempo; em segundo lugar, a unidade sintética do múltiplo em conceitos. Pois nenhuma delas é tirada dos objetos por nossa faculdade de conhecimento como dada em si mesma neles, mas ocorre *a priori* a partir de si mesma. Deve, porém, haver um fundamento para isso no sujeito, que torne possível que as representações pensadas surjam (*entstehen*) assim e não de outra maneira, e, além disso, [que torne possível que elas] possam ser referidas a objetos que ainda não estão dados – e ao menos esse fundamento é inato.<sup>117</sup>

Eberhard ter tocado “no ponto sensível”. Como se sabe, essa última alternativa é adotada pelo próprio Vaihinger no seu *Comentário*.

(117) KANT, ÜE, AA 08: 221-222. – Infortunadamente, uma passagem das *Preleções de Metafísica* (Dohna) – e, pois, nos idos de 1792-1793 –, ao distinguir entre o modo derivativo e o modo originário de aquisição, refere-se, para esse último, a “conceitos que já estão no nosso entendimento, como [o] de causas e efeitos etc.”; cf. id., *Vorlesungen über Metaphysik* (Dohna), AA 28: 619: “– *Der Wahlspruch des Aristoteles war folgender: Nihil est in intellectu, quod non ante fuerit in sensibus. Er meint erworbne Begriffe könnten wir blos aus der Erfahrung bekommen, aus dieser müssen daher alle nicht angebohrne Begriffe herkommen. Aber wir können Begriffe erwerben*

1., *derivative, und zwar so alle sinnliche Vorstellungen, weich, hart etc.*

2., *Originarie, Begriffe die schon in unserm Verstande liegen, wie von Ursachen und Wirkungen etc. (...)*”. A partir do exemplo dado, pode-se inferir que tais “conceitos” incluem as categorias. A questão, portanto, seria a de saber *de que modo* ou *em que medida* eles “já estão no nosso entendimento”. Outrossim, se da experiência “têm de provir todos os conceitos não inatos”, pode-se então conjecturar que, em contrapartida, os inatos, não – pelo que os adquiridos *originariamente* equivaleriam a esses últimos. Curiosamente, também, na crítica que em seguida refaz a Platão – admitindo um entendi-

A discussão empreendida a partir desse ponto<sup>118</sup>, segundo o afirmado pelo filósofo nas páginas iniciais que introduzem o texto, estará inserida no bojo dos “ataques (*Angriffen*)” empreendidos por Eberhard às “expressões”, constituindo momento acessório, não principal.<sup>119</sup> Para o que aqui interessa, todavia, a passagem lembrada e o restante da argumentação de Kant constituem a principal referência direta ao emprego positivo do “inato” no âmbito especulativo, ao menos desde a “Dissertação de 1770”, tanto pela intensidade e mesmo quantidade das considerações arroladas, como, em especial, por – ainda que indiretamente – terem como patrono de fundo (evocado por Eberhard) o próprio Leibniz. O trecho em causa torna-se também relevante para o estudo aqui empreendido, face ao que já antes apontara a mesma “Dissertação”, na qual, ao menos em um momento, a forma de acesso ao conceito (trata-se então do espaço) é dita “originária”, prenunciando de algum modo a fórmula (“aquisição originária”) cunhada duas décadas depois: “Se o conceito de espaço não fosse dado de modo originário mediante a natureza da mente (...)”<sup>120</sup> Em sendo assim, uma eventual doutrina da “aquisição originária”, ainda que como tal ela tenha sido nomeada somente na “Resposta”, usufruiria de uma constância não desprezível de duas décadas, justo as que respondem pela maturação e fixação do sistema crítico.

---

mento que intuía *a priori* os objetos, o filósofo grego incorria em misticismo (ibid.) –, Kant – diferentemente do que fizera mais de uma vez em outros textos – não emprega aí o termo “inato”.

(118) Mais exatamente, trata-se – sempre na obra em pauta (ÜE) – do trecho compreendido entre as páginas 221 (linhas 26 a 37), 222 e 223 (linhas 1 a 8).

(119) Cf. ibid., p. 189. Um pouco antes da passagem acima reproduzida (ibid., p. 218), também, em parte, ao nível das expressões, Kant já apontara o uso feito por Eberhard de “não-sensível” em lugar de “supra-sensível”.

(120) Id., “Dissertação”, p. 66. Cf. a observação de Allison na sua “Introdução histórico-crítica” à tradução que apresenta da “Resposta”: *The Kant-Eberhard Controversy*, ed. cit., p. 83: “*This appeal to the notion of original acquisition in contradistinction to innateness marks a return to the language of the Inaugural Dissertation, where Kant likewise regarded space, time, and the pure concepts in this manner.*”

Por fim, o “inato”, retirado do que apresenta identidade funcional própria – espaço, tempo e categorias –, é transferido para o que não apresenta identidade nenhuma (melhor: identidade nenhuma que nos seja reconhecível), mas é o fundamento da identidade adquirida dessas mesmas representações. Tem-se então, aqui, ao menos dois sentidos para a expressão “inato”. No caso da negação do inatismo de espaço, tempo e categorias, “inato” será o mesmo que “inculcado”. Já no da afirmação do inatismo do “fundamento”, ele será simplesmente o que é, está ou se encontra tão natural quanto indeterminadamente em mim. É assim que, na mesma “Resposta” Kant dirá:

O fundamento da possibilidade da intuição sensível não é [proveniente] nem do limite da faculdade de conhecimento nem da imagem; ele é a mera receptividade peculiar do ânimo de, quando afetado por algo (na sensação), receber uma representação conformemente à sua constituição subjetiva. Esse primeiro fundamento formal, por exemplo, da possibilidade de uma intuição do espaço, só ele é inato (*angeboren*), não a própria representação do espaço.<sup>121</sup>

Observe-se ainda que o fundamento inato não só tornará possível a identidade própria das representações em causa, como lhes possibilitará referirem-se “a objetos que ainda não estão dados”, pelo que o mesmo fundamento, mais do que ecoar os termos da crucial questão formulada na carta a Herz, vincula-se agora à solução que depois lhe será dada, ou seja, à própria dedução transcendental: “um fundamento [que torne possível que as representações pensadas] possam ser referidas a objetos que ainda não estão dados”.

Mas o “inato” que caracteriza o fundamento não poderá confundir-se com o “inato” devaneante de Platão, repellido pela mesma “Dedução transcendental”, tal como recordado pelo filósofo na *Razão Prática*:

(...) o leitor da crítica da razão especulativa pura convencer-se-á totalmente de quão altamente necessária, quão vantajosa foi para a Teologia e a Moral aquela penosa dedução das categorias. Pois unicamente por ela pode impedir-se de, pondo-as no entendimento puro, tomá-las com Platão por inatas e fundar sobre elas presunções exorbitantes com teorias do supra-sensível que não se sabe como vão terminar (...) <sup>122</sup>

Sobre o problema da origem das representações puras, portanto, Kant atribui sentido analógico à expressão “aquisição originária”, fazendo-o mais uma vez a partir do vocabulário jurídico, tal como já ocorrera com “dedução.” <sup>123</sup> Mais do que o resultado da transposição de um conceito alheio, porém, ela é uma espécie de híbrido conceitual que incorpora “inato” e “adquirido”, ambos os termos em disputa.

Ainda que por meio de vocabulários próprios, será suficientemente clara a vizinhança entre os textos da “Dissertação” e da “Resposta” no tocante ao problema aqui enfocado. Em ambos os casos, definido o modo de surgimento da representação pura, sempre adquirida, Kant especifica a forma dessa aquisição, admitindo uma “lei do espírito” (na “Dissertação”) <sup>124</sup> ou um “fundamento” (na “Resposta”), ambos inatos.

Se se puder afirmar que ambas essas obras – em consonância com textos das *Reflexionen* – partilham não só a mesma crítica ao “inato” (que, “místico”, conduz à “exaltação”), mas, sobretudo, a mesma postura acerca da “aquisição originária” – naquela, ainda inominadamente; já nessa, na plenitude da metáfora jurídica que a introduz e situa –, então não será correto denunciar o *psicologismo* da “Dissertação” (como todavia o faz Windelband, por exemplo), nem, por outro lado – observado o parentesco visceral entre ela e a “Estética transcendental” no tocante ao modo de aquisição das *Anschauungsformen* –, tam-

---

(122) Id., *Crítica da razão prática* (edição bilíngue). Tradução de V. Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003; p. 503.

(123) Cf. id., KrV, B 116.

(124) Cf. id., “Dissertação”, p. 68.

pouco a afinidade, mesmo limitada a espaço e tempo – suficiente, porém, para torná-los *essencialmente idênticos* entre si – de “*a-priori*” e “inato” (como todavia o faz Vaihinger, por exemplo).

Mas a que é que nos obriga, em contrapartida, a admissão de um fundamento inato do qual provêm – originariamente adquiridas – as formas-de-intuição e as formas-de-pensamento? Em primeiro lugar, a admissão do *Grund* não traz consigo nem o conhecimento nem a pressuposição da existência de Deus ou o pressuposto de as representações elementares terem-nos sido inculcadas ou implantadas por Ele. Do ponto de vista especulativo, o *Grund* inato condirá, por exemplo, com a alusão a “o menor uso possível do sobrenatural”, lembrete recordado quase ao final do § 81 da terceira *Crítica*.<sup>125</sup> Pois a epigênese, não o podendo evitar, parte do que já aí encontra, tendo-se presente ela ser uma das duas teorias que comungam a tese do prestabilismo da causa, por isso mesmo chamada pelo filósofo de teoria da pré- formação genérica.<sup>126</sup>

A que então se é levado? Pura e simplesmente a sustentar uma conclusão algo paradoxal, ao mesmo tempo que conservadora: a de Kant *ser e não ser* um inatista – como se se dissesse, talvez sem o mesmo grau de paradoxalidade, a de ele ser e não ser um pré-formista. Um outro modo de fazê-lo é afirmar que Kant será *tecnicamente* – mas não *doutrinariamente* – inatista. Noutras palavras, empregando a expressão – e, pois, situando-a literariamente –, mas, sobretudo, conferindo-lhe densidade conceitual – e, pois, aceitando e rejeitando determinados significados que a ela vincula –, o filósofo nem por isso alinha-se entre os adeptos do chamado “inatismo”.

---

(125) Id., KU, AA 05: 424. Cf. VAN SPEYBROECK, L.; DE WAELE, D.; VAN DE VIJVER, G. Theories in early embryology: close connections between epigenesis, preformationism, and self-organization. \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. (ed.). *From epigenesis to epigenetics: the genome in context. Annals of the New York Academy of Sciences*, 981 (2002): p. 28, momento no qual, *en passant*, os autores aludem a esse tipo de lembrete: “*With Kant this stability in embryonic organization is to be found in its teleological explanation, while the support of supernatural causes is kept to an absolute minimum.*”

(126) KANT, KU, AA 05: 423.

Kant poderá então, por exemplo, manter, em 1787, o texto do início da “Analítica dos conceitos”<sup>127</sup>, sem temor de produzir uma incoerência ao final da “Dedução transcendental” nessa mesma segunda edição da obra.<sup>128</sup> Pois os “primeiros germes e disposições” dos conceitos puros do entendimento – malgrado o vocabulário – não têm parte exclusiva com a teoria da pré-formação individu-

---

(127) Cf. id., KrV, B 84: “Por analítica dos conceitos entendo não a análise dos mesmos ou o procedimento habitual nas investigações filosóficas, de levar à clareza e de decompor segundo o seu conteúdo conceitos que se apresentam, mas a ainda pouco tentada decomposição da própria faculdade do entendimento, para investigar a possibilidade dos conceitos *a priori* mediante o fato de que nós os procuramos unicamente no entendimento, como no seu local-de-nascença (*Geburtsorte*), e analisamos o seu uso puro em geral. Essa é a tarefa característica de uma filosofia transcendental; o resto é o tratamento lógico dos conceitos na filosofia em geral. Seguiremos, portanto, os conceitos puros até os seus primeiros germes e disposições (*zu ihren ersten Keimen und Anlagen*) no entendimento humano, no qual estão preparados (*vorbereitet*), até serem enfim desenvolvidos por ocasião da experiência (*bei Gelegenheit der Erfahrung entwickelt*), e, liberados das condições empíricas que lhes estão apendentes (*den ihnen anhängenden*), [serem] apresentados na sua pureza pelo mesmo entendimento.”

(128) Cf. *ibid.*, B 166-167: “Há somente dois caminhos sobre os quais pode ser pensada uma concordância necessária (*eine nothwendige Übereinstimmung*) da experiência com os conceitos dos seus objetos: ou a experiência torna possíveis esses conceitos ou esses conceitos tornam possível a experiência. O primeiro não encontra lugar com relação às categorias (não também com relação à intuição sensível pura), pois elas são conceitos *a priori* (...) (a afirmação de uma origem empírica seria uma espécie de *generatio æquivoca*). Conseqüentemente, resta só o segundo (um como que sistema da epigênese da razão pura): a saber, que as categorias contêm, por parte do entendimento, os fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral. (...) Se alguém quisesse propor entre os dois únicos caminhos nomeados ainda um caminho intermediário (*Mittelweg*), a saber, que elas [as categorias] nem fossem primeiros princípios autopensados *a priori* do nosso conhecimento nem também criadas a partir da experiência (*aus der Erfahrung geschöpft*), mas disposições subjetivas para pensar, imediatamente implantadas em nós com a nossa existência (*subjective, uns mit unserer Existenz zugleich eingepflanzte Anlagen zum Denken*) (...)”. Cf. MARQUES, “‘Germes’ et ‘dispositions’ dans la Raison pure”, a ser em breve publicado (In: *Recht und Frieden in der Philosophie Kants*. Akten des X. Internationalen Kant-Kongresses. Im Auftrag von Kant-Gesellschaft e.V. Hrsg. v. Rohden, Valerio / Terra, Ricardo R. / Almeida, Guido A. de / Ruffing, Margit).

al. Da mesma forma, o seu *desenvolvimento por ocasião da experiência* não terá expressão biológica afim exclusivamente na “evolução” ou “involução” do germe pré-existente no óvulo (tal a teoria do ovismo) ou do homúnculo igualmente em germe, agora no esperma (tal a teoria do spermismo ou do animalculismo).<sup>129</sup> Não há então, primeiro, uma postura inatista e pré-formista, em seguida outra, anti-inatista e epigenética.

No tocante às metáforas orgânicas, excluídas a “geração espontânea” e a “pré- formação” das categorias, recorre-se à “epigênese” como representação da “concordância necessária da experiência com os conceitos dos seus objetos”, ou seja, como representação metafórica da dedução transcendental. A “concordância” que não provém de “uma espécie de sistema da pré- formação da razão pura”, vale dizer, por obra de um inculcamento transcendente, repele não propriamente o “inato” (cuja doutrina, a bem dizer, não é solução para um tal problema), mas a “harmonia pré- estabelecida”. Se essa não poderia dar-se sem a admissão do inatismo, nem por isso a mera existência de idéias inatas na mente humana garantiria por si só a “concordância necessária da experiência com os conceitos dos seus objetos”. Eis os dois níveis que interligam início e fim da “Analítica dos conceitos”. Ao passo que naquele trata-se de um desenvolvimento e apresentação das formas- de- pensamento, tem-se em vista, nesse, uma “concordância” (*Übereinstimmung*) entre categorias e experiência.

#### 4. OBSERVAÇÕES FINAIS

Conforme a letra da *Crítica*, há formas “preparadas” (*vorbereitet*), carentes de mero desenvolvimento (*Entwicklung / Entwicklung*).<sup>130</sup> Mas, como justificar a

(129) VAN SPEYBROECK; DE WAELE; VAN DE VIJVER, op. cit., p. 28: “(Kant does not refer to the spermist position, which illustrates the dominance of the ovist view at the time.)”. Na verdade, porém, ele o faz; cf. KANT, RGV, AA 06: 80; id., Refl, AA 15: 553-554; ibid., AA 17: 416; id., V-MP-K2/Heinze, AA 28: 760.

(130) Embora, no contexto no qual se encontra, essa expressão refira-se somente às *Gedankenformen / Denkformen* (cf. KANT, KrV, B 91), estendo-a igualmente às *Anschauungsformen*, de vez que no plano da “aquisição originária” umas e outras são ditas originariamente adquiridas.



*inatidade* – ainda que só virtual – dessas formas, sendo elas adquiridas originariamente? Nesse caso, o que significará “adquirir originariamente? Segundo a “Resposta”, ter a posse do que nunca antes fora possuído. Ora, mas se isso for o mesmo que atualizar ou desenvolver, no momento dessa aquisição já seria preciso haver o tempo, *no decorrer do qual*, precisamente, atualizar ou desenvolver. Se, porém, o tempo ainda não for, a aquisição originária não será acompanhada da consciência do que *estiver sendo* originariamente adquirido, pois só me torno consciente do que é no tempo e por ele aparece. Não podendo o tempo já ser, impõe-se concluir: o originariamente-adquirido não é, como tal, acompanhado de uma consciência desde logo atuante, ela própria vindo a ser *durante* o processo dessa aquisição.

Afirmando haver um “fundamento” (*Grund*), que, “ao menos ele” (*wenigstens*), é “inato” (*angeboren*), do qual, por “aquisição originária”, adquirem-se espaço, tempo e categorias<sup>131</sup>, Kant delimita o campo da *inatidade*, tornando-o, a rigor, o do adquirível / determinável. A determinabilidade intrínseca desse fundamento inato é, com isso, a própria fonte da aquisição originária ou do que, por ela, *vier a ser* adquirido. Não se tratará de uma aquisição psicológica, pois o próprio tempo *ainda* não é.

Conclui-se, então, que, num *primeiro momento* (mas tal expressão, aqui, é no limite autocontraditória...), de posse tão-só do fundamento inato, nada há senão o próprio, ou seja, não há espaço, tempo, categorias. Num *segundo momento*, já originariamente adquiridas essas mesmas representações elementares, o seu desenvolvimento dar-se-á “por ocasião da experiência”. Ora, sendo por conta dessa mesma experiência que as mesmas representações serão tanto adquiridas quanto desenvolvidas, ambos esses momentos, qualitativamente distintos, terminarão por *sincronizar-se*. Se assim for, o tempo originariamente adquirido é *já* também o da atualização das representações elementares. Será sobremaneira importante, não obstante, distinguir qualitativamente entre um momento e outro, sob pena de a aquisição originária, parecendo ser uma operação psicológica, obrigar-se a contar

---

(131) Cf. KANT, ÜE, AA 08: 221-223.

de antemão com a preexistência de elementos, que, em tal caso, ela meramente atualizaria. Por outro lado, admitida essa pressuposição, seguir-se-ia facilmente a ela a identificação entre "a-priori" e "virtualmente-inato". Sem que esta seja exatamente indevida, uma nova concepção de razão<sup>132</sup>, porém, aqui expressa sob a forma da atividade originariamente aquisitiva, impõe a essa identificação a devida cautela. Não detalhada por Kant, essa atividade mesmo assim esboça, se não o inteiro percurso a vencer, ao menos o caminho a evitar.

---

(132) Cf. CASSIRER, E. *La filosofía de la ilustración*. Traducción de E. Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1984; p. 28: "(...) para Descartes e Malebranche, Spinoza e Leibniz, a razão é a região das verdades eternas, verdades comuns ao espírito humano e ao divino. (...) O século XVIII trata a razão com um sentido novo e mais modesto. Ela não é o nome coletivo das *idéias inatas*, que nos são dadas com anterioridade a toda a experiência e nas quais nos é revelada a essência absoluta das coisas. A razão, longe de ser uma tal possessão, é uma forma determinada de aquisição. (...)”

RESUMO

*Examina-se nesse artigo a presença do “inato” na filosofia teórica de Kant, por meio de uma seleção de passagens a ele atinentes, nos escritos do filósofo e na literatura secundária. Acompanhado de considerações de natureza filológica, o presente estudo tem por objetivo analisar o duplo significado de “inato” na filosofia crítica, um positivo – admitido com prudência ou simplesmente empregue –, outro negativo – sempre refutado e combatido.*

**Palavras-chave:** inato; a priori; Kant; aquisição originária

ABSTRACT

*This paper intends to analyse the presence of innateness in Kantian theoretical philosophy through a selection of passages with regard to the point in Kant's works and secondary sources. Together with a philological research, the paper brings a study of the double meaning of “innate” in critical philosophy, namely, a positive meaning - that is prudently admitted or merely used - and a negative one - that is always refuted and combatted.*

**Keywords:** innate; a priori; original acquisition; Kant

Recebido em 10/2008

Aprovado em 02/2008

## Referências

ALLISON, H. E. *The Kant-Eberhard Controversy*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973

ANDERSON, R.; GOEBEL, U.; REICHMANN, O. *Frühneuhochdeutsches Wörterbuch*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989

AZOUVI, F., BOUREL, D. *De Königsberg à Paris. La réception de Kant en France (1788-1804)*. Paris: J. Vrin, 1991

BONIN, A. La controverse entre Emmanuel Kant et Johann August Eberhard. Du point de vue d'Eberhard. Disponível em: <<http://chspm.univ-paris1.fr/transophie/philosophe/kantEberhard.html>> Acesso em: 15 de setembro de 2008

BONNET, C. *Considérations sur les corps organisés*. Amsterdam: M. M. Rey, 1768

BRANDS, H. *Untersuchungen zur Lehre von den angeborenen Ideen*. Meisenheim am Glan: A. Hain, 1977 *apud* OBERHAUSEN, M. *Das neue Apriori*. Kants Lehre von einer 'ursprünglichen Erwerbung' apriorischer Vorstellungen. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-hozboog, 1997

BÜCHNER, L. *Die Macht der Vererbung und ihr Einfluss auf den moralischen und geistigen Fortschritt der Menschheit*. Leipzig: E. Günther, 1882

BUMA, W. J. (Hsg.). *Das Fivelgoer Recht*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972. In: *DEUTSCHES RECHTSWÖRTERBUCH*. Disponível em: <http://drw-www.adw.uni-heidelberg.de/drw/>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

CASSIRER, E. *La filosofía de la ilustración*. Traducción de E. Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1984

COHEN, H. *Kants Theorie der Erfahrung*. Berlin: Ferd. Dümmlers, 1871

DESCARTES, R. *Œuvres philosophiques*. Paris: Garnier, 1967

\_\_\_\_\_. *Meditationes de Prima Philosophia*. In: *Œuvres de Descartes publiées par Ch. Adam & P. Tannery*. Nouvelle présentation, en co-édition avec le Centre National de la Recherche Scientifique. Paris: J. Vrin, 1983; VII

\_\_\_\_\_. *Méditations*. In: *Œuvres de Descartes publiées par Charles Adam & Paul Tannery*. Nouvelle présentation, en co-édition avec le Centre National de la Recherche Scientifique. Paris: J. Vrin, 1982; IX - 1

DEUTSCHES Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm. Disponível em: <<http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/dwb/wbgui?lemid=GA00001>>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

DUDEN - *Das große Fremdwörterbuch: Herkunft und Bedeutung der Fremdwörter*. Mannheim: Dudenverlag, 2003

DUTENS, L. *Recherches sur l'origine des découvertes attribuées aux modernes*. Paris: Duchesne, 1766

EISLER, R. *Wörterbuch der philosophischen Begriffe* (1804). Disponível em: <<http://www.texlog.de/1403.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999

FRIES, J. F. *Die Geschichte der Philosophie dargestellt nach den Fortschritten ihrer wissenschaftlichen Entwicklung*, 2 Bde., Halle 1837-1840 apud BIANCO, B. Criticismo e psicologismo: Note sul problema kantiano-friesiano. In: MICHELI, G.; SANTINELLO, G. (ed.) *Kant a due secoli dalla Critica*. Brescia: La Scuola, 1984; p. 195-208

GIRTANNER, C. *Über das Kantische Princip für die Naturgeschichte*. Edited and Introduced by R. Bernasconi. Bristol: Thoemmes, 2001

GRANGER, G.-G. *Pensée formelle et sciences de l'homme*. Paris: Aubier-Montaigne, 1967

HERZ, M. *Betrachtungen aus der spekulativen Weltweisheit*, Königsberg 1771 (Neudruck hrsg., eingeleitet, mit Anmerkungen und Registern versehen von E. Conrad, H. P. Delfosse und B. Nehren (*Philosophische Bibliothek*, Bd. 424), Hamburg 1999) *apud* OBERHAUSEN, M. *Das neue Apriori*. Kants Lehre von einer 'ursprünglichen Erwerbung' apriorischer Vorstellungen. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-hozboog, 1997

HIßMANN, M. Bemerkungen über einige Regeln für den Geschichtsschreiber philosophischer Systeme; über Dutens Untersuchungen – und über die angebohrnen Begriffe des Plato, Deskartes und Leibnitz. Disponível em: <<http://www.ub.uni-bielefeld.de/diglib/aufkl/teutmerk/teutmerk.htm>>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001; CD-rom versão 1.0

IMMANUEL *Kant's Vorlesungen über die Metaphysik*. Herausgegeben von K. H. L. Pölitz. Erfurt: Keyzerschen Buchhandlung, 1821. In: *KANT im Kontext III – Komplettausgabe – Werke, Briefwechsel, Nachlaß und Vorlesungen auf CD-ROM*. Herausgegeben von K. Worm und S. Boeck. 1. Aufl., Berlin 2007

OBERHAUSEN, M. *Das neue Apriori*. Kants Lehre von einer 'ursprünglichen Erwerbung' apriorischer Vorstellungen. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-hozboog, 1997

JOHANN Heinrich *Zedlers grosses vollständiges Universallexicon aller Wissenschaften und Künste*. Disponível em: <<http://www.zedler-lexikon.de/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

JOHANNES Schulz: *Rezension von Johann August Eberhard, Philosophisches Magazin, Jenaer Litteraturzeitung 1790, 281-284* (abgedruckt in Cassirers Kant-Ausgabe, Bd. VI (Berlin 1914: 73-117)). Disponível em: <<http://www.ikp.uni-bonn.de/kant/bezug-kleinere/schulz.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

*KANT im Kontext III – Komplettausgabe – Werke, Briefwechsel, Nachlaß und Vorlesungen auf CD-ROM*. Herausgegeben von K. Worm und S. Boeck. 1. Aufl., Berlin 2007

KANT, I. *Crítica da Razão Prática* (edição bilíngue). Tradução de V. Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003

\_\_\_\_\_. *Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*. Tradução, apresentação e notas de L. R. dos Santos e A. Marques. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985

\_\_\_\_\_. *The Kant-Eberhard Controversy*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973

\_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1900-

\_\_\_\_\_. *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels*

\_\_\_\_\_. *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen*

\_\_\_\_\_. *Bestimmung des Begriffs einer Menschenrasse*



\_\_\_\_\_. *Briefwechsel*

\_\_\_\_\_. *Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes*

\_\_\_\_\_. *Über eine Entdeckung, nach der alle neue Kritik der reinen Vernunft durch eine ältere entbehrlich gemacht werden soll*

\_\_\_\_\_. *Fragment einer späteren Rationaltheologie*

\_\_\_\_\_. *Kritik der reinen Vernunft*

\_\_\_\_\_. *Kritik der Urteilskraft*

\_\_\_\_\_. *Die Metaphysik der Sitten*

\_\_\_\_\_. *Natürliche Theologie Volckmann nach Baumbach*

\_\_\_\_\_. *Von einem neuerdings erhobenen vornehmen Ton in der Philosophie*

\_\_\_\_\_. *Opus postumum*

\_\_\_\_\_. *Philosophische Enzyklopädie*

\_\_\_\_\_. *Physische Geographie*

\_\_\_\_\_. *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*

\_\_\_\_\_. *Reflexionen zur Anthropologie*

\_\_\_\_\_. *Reflexionen zur Metaphysik*

\_\_\_\_\_. *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*

\_\_\_\_\_. *Selbständige Reflexionen im Handexemplar der Kritik der reinen Vernunft (A)*

\_\_\_\_\_. *Von den verschiedenen Racen der Menschen*

\_\_\_\_\_. *Vorarbeiten zur Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*

\_\_\_\_\_. *Vorlesungen über Metaphysik [Metaphysik K<sub>2</sub>]*

\_\_\_\_\_. *Vorlesungen über Moralphilosophie (Herder)*

\_\_\_\_\_. *Vorlesungen über Moralphilosophie (Schön)*

\_\_\_\_\_. *Vorlesungen über Moralphilosophie (Vigilantius)*

\_\_\_\_\_. *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita. Tradução de R. Naves e R. R. Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986*

\_\_\_\_\_. *Philosophische Religionslehre nach Pölitz. In: Kant im Kontext III –*

Komplettausgabe – Werke, Briefwechsel, Nachlaß und Vorlesungen auf CD-ROM. Herausgegeben von K. Worm und S. Boeck. 1. Aufl., Berlin 2007

\_\_\_\_\_. *Réponse a Eberhard*. Trad., intr. et notes par R. Kempf. Paris: J. Vrin, 1973

LAROMIGUIÈRE, P. *Leçons de Philosophie*. Paris: Fournier, 1844

LEIBNIZ, W. G. *Nouveaux essais sur l'entendement humain*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966

\_\_\_\_\_. *Essais de théodicée*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969

MARQUES, U. R. A. Notas sobre o “múltiplo” na primeira *Crítica. dois pontos*, Curitiba, São Carlos, 2, 2 (2005): p. 127-138

\_\_\_\_\_. “Inato”, “a priori”, “aquisição originária”: alhos e bugalhos. *Crítica (UEL)*, 12 (2007): 463-477

\_\_\_\_\_. Kant e a epigênese: a propósito do inato. *Scientiae Studia (USP)*, 5 (2008): 453-468

MELLIN, G. S. A. *Encyclopädisches Wörterbuch der kritischen Philosophie*. Bruxelles: Culture et Civilisation, 1968

SCHMID, C. C. E. *Wörterbuch zum leichtern Gebrauch der Kantischen Schriften*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976

SCHWAB, J. C. Sur la correspondance de nos idées avec les objets. *Mémoires de l'Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres (1788-89)*. Berlin: Decker, 1793: 417-435. Disponível em: <[http://bibliothek.bbaw.bbaw/bibliotek-digital/digitalequellen/schriften/anzeige/index\\_html?band=05mem/178811789&aufloesung:int+2&seite:int=490](http://bibliothek.bbaw.bbaw/bibliotek-digital/digitalequellen/schriften/anzeige/index_html?band=05mem/178811789&aufloesung:int+2&seite:int=490)>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

STRUM, A. Public Space, Language and Tone in Kant's Philosophical Republic. *Kant und die Berliner Aufklärung*. Akten des IX. Internationalen Kant-Kongresses. Herausgegeben von V. Gerhardt, R.-P. Hörstmann und R. Schumacher. Berlin: Walter de Gruyter, 2001

TETENS, J. N. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung*. Hildesheim: Georg Olms, 1979

VAN SPEYBROECK, L.; DE WAELE, D.; VAN DE VIJVER, G. Theories in early embryology: close connections between epigenesis, preformationism, and self-organization. \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. (ed.). From epigenesis to epigenetics: the genome in context. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 981 (2002): 7-49

VAIHINGER, H. *Kommentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*. Aalen: Scientia Verlag, 1970

VERNEAUX, R. *Critique de la Critique de la raison pure de Kant*. Paris: Aubier, 1972

\_\_\_\_\_. *Le vocabulaire de Kant*. Paris: Aubier, 1973.

WINDELBAND, W. Über die verschiedenen Phasen der Kantischen Lehre vom Ding-an-sich. Disponível em: <[http://www.ac-nancy-metz.fr/enseign/philo/textesph/Windelband\\_Ding\\_an\\_sich.rtf](http://www.ac-nancy-metz.fr/enseign/philo/textesph/Windelband_Ding_an_sich.rtf)>. Acesso em: 15 de setembro de 2008

WUNDT, W. Mission de la philosophie dans le temps présent. *Revue philosophique de la France et de l'étranger*; 1, 1 (1876): 113-124

ZELLER, E. Über Bedeutung und Aufgabe der Erkenntnisstheorie. In: id., *Vorträge und Abhandlungen*. Leipzig: Reisland, 1877